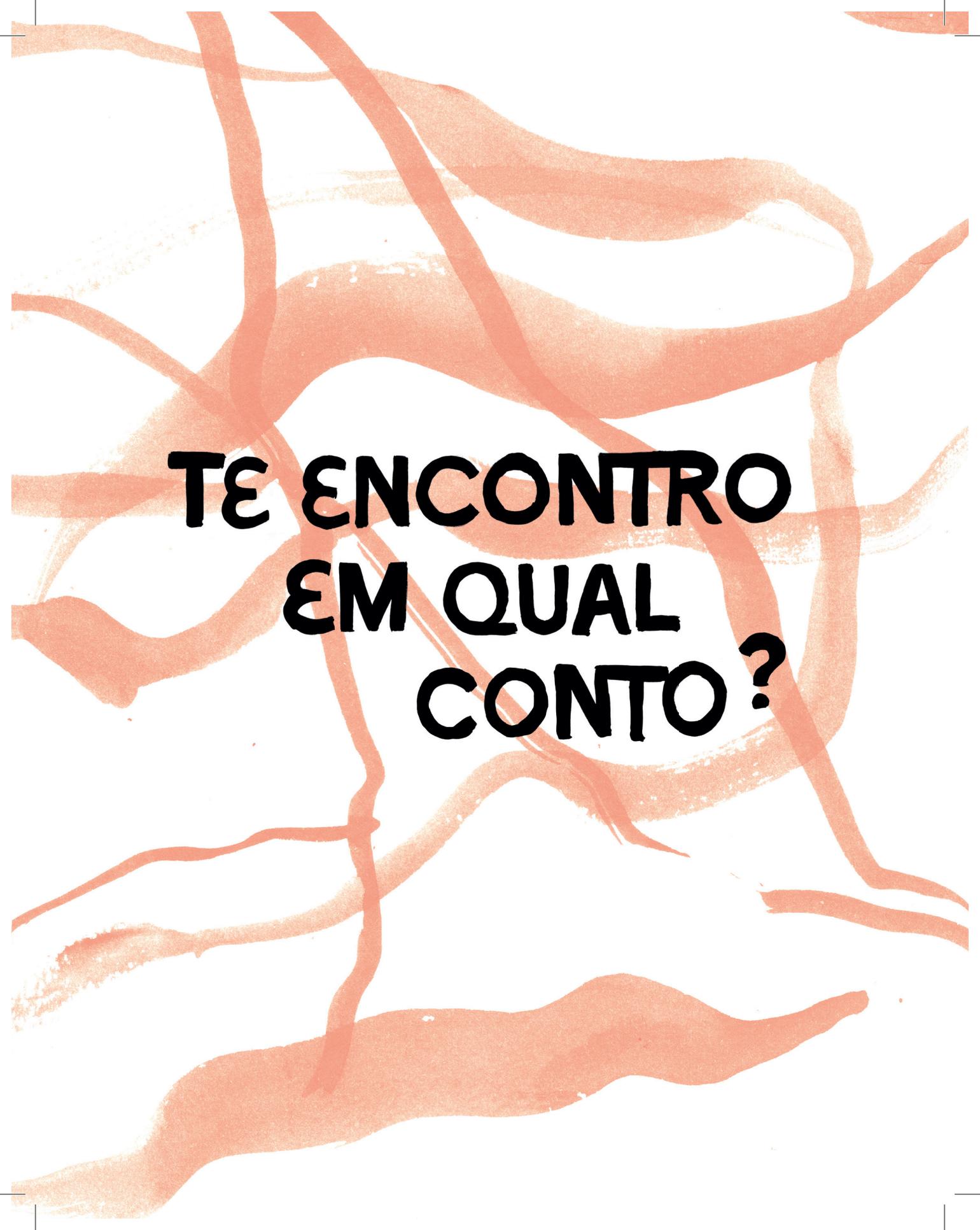




Ministerio do Turismo  
apresenta:

# TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

Texto Angela Carneiro  
Ilustração Isadora Gonzaga

The background of the image is a white canvas covered with numerous overlapping, expressive brushstrokes in shades of orange, terracotta, and light red. The strokes vary in thickness and direction, creating a sense of movement and depth. Some strokes are straight and diagonal, while others are curved and looping. The overall effect is a textured, painterly background.

**TE ENCONTRO  
EM QUAL  
CONTO?**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Carneiro, Angela

Te encontro em qual conto? / Angela Carneiro ;  
ilustração Isadora Gonzaga. -- Rio de Janeiro :  
Graviola Produções, 2022.

ISBN 978-65-999259-0-0

1. Contos brasileiros I. Gonzaga, Isadora.

II. Título.

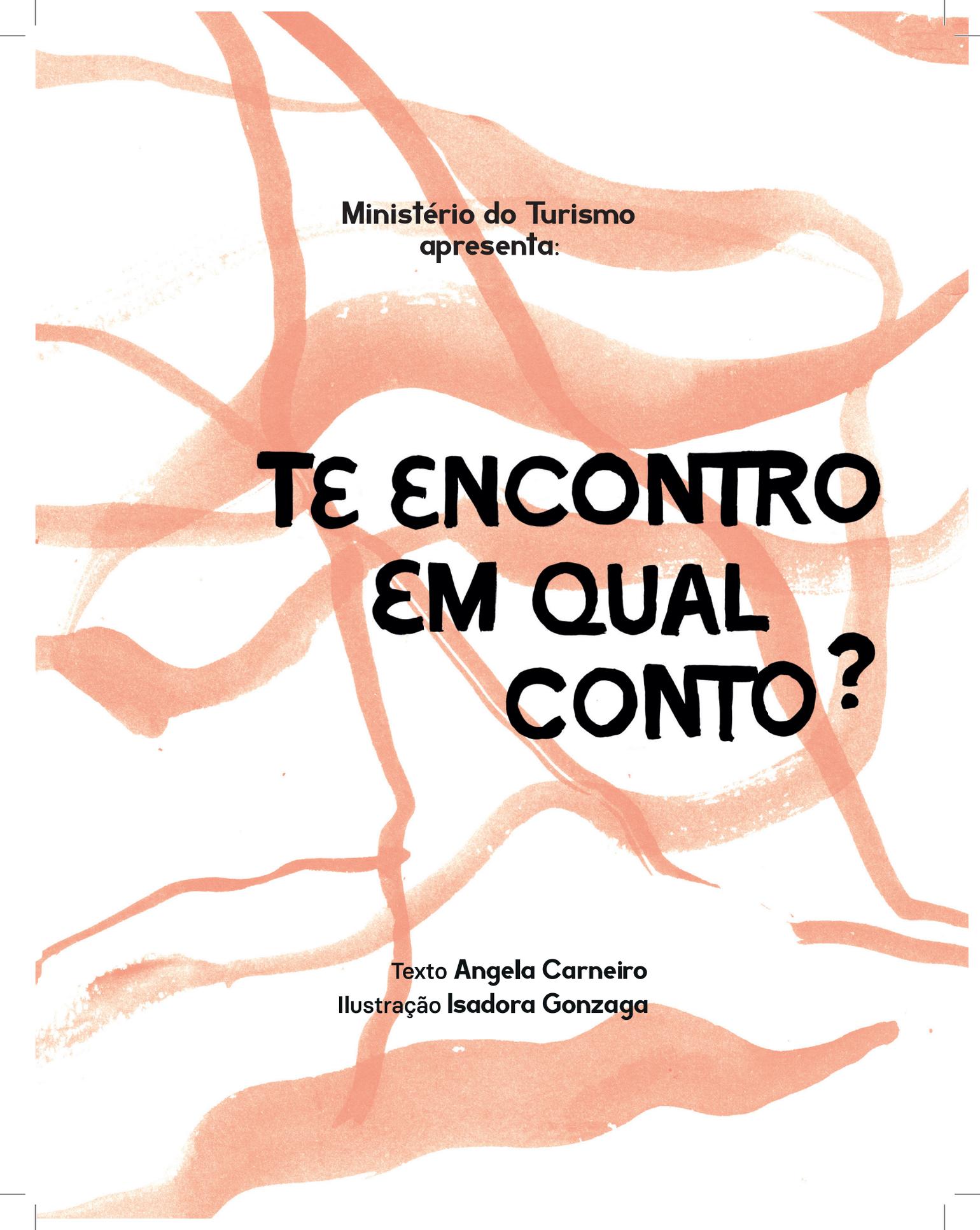
22-135870

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Inajara Pires de Souza - Bibliotecária - CRB PR-001652/O



**Ministério do Turismo  
apresenta:**

# **TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?**

**Texto Angela Carneiro  
Ilustração Isadora Gonzaga**

# FICHA TÉCNICA

**Realização**  
Graviola Produções

**Coordenação Geral**  
Graziela Domingues

**Texto**  
Angela Carneiro | AMS Agenciamento Literário

**Pesquisa**  
Ana Maria Santeiro | AMS Agenciamento Literário  
Graviola Produções

**Coordenação de Produção**  
Marjory Rocha

**Produção**  
Giulia Fiorani

**Curadoria Artística**  
Giulia Buratta

**Capa e Ilustração**  
Isadora Gonzaga

**Projeto Gráfico e Diagramação**  
Isadora Gonzaga

**Revisão**  
Sol Mendonça

**Comunicação**  
Giulia Buratta

**Agradecimento**  
Eduardo Tenório

Apoio



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

# SUMÁRIO

## **Apresentação**

## **Introdução**

- 01** Miolo Mole
- 02** E havia bolo!
- 03** Aceita um cafezinho?
- 04** De mulher para mulher
- 05** Com muita garra
- 06** A vida pede carona
- 07** Chica Doida
- 08** Cestos e tramas
- 09** Força
- 10** Aniversário diferente
- 11** Eu vos declaro
- 12** Do banco escolar à cadeira giratória
- 13** Mãos na massa
- 14** Semeando
- 15** Nem tudo o que reluz é ouro
- 16** Sangue, suor e lágrimas
- 17** Criando laços

## **Lista de Entrevistados**

TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

6



APRESENTAÇÃO

# APRESENTAÇÃO



TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

**8**

## APRESENTAÇÃO

Este livro é o encontro potente de histórias incríveis de cooperação pelo Brasil afora, histórias essas que estavam encarceradas nas memórias pelo caminho.

Nestes contos, inspirados em gente como a gente, não tratamos somente da “união de pessoas em prol de um objetivo em comum” - conceito de cooperação -, mas de algo muito maior.

Passear por essas trajetórias, ressignifica relações entre família, trabalho, comunidade e cidade. Faz nascer, sob novas perspectivas e olhares, a condição de esperança que a cooperação humana traz. Dentro dessas páginas, encontra-se o que Manoel de Barros diria: “(...) Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”

O desejo é que ao ler esse livro, no qual sua história pode se entrelaçar com tantas outras no país, você possa se inspirar, emocionar, identificar, mergulhar em reflexões, e compreender que o cooperativismo pode transformar vidas.

Histórias conectam. **TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?**

**Graziela Domingues**

Graviola Produções

TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

10



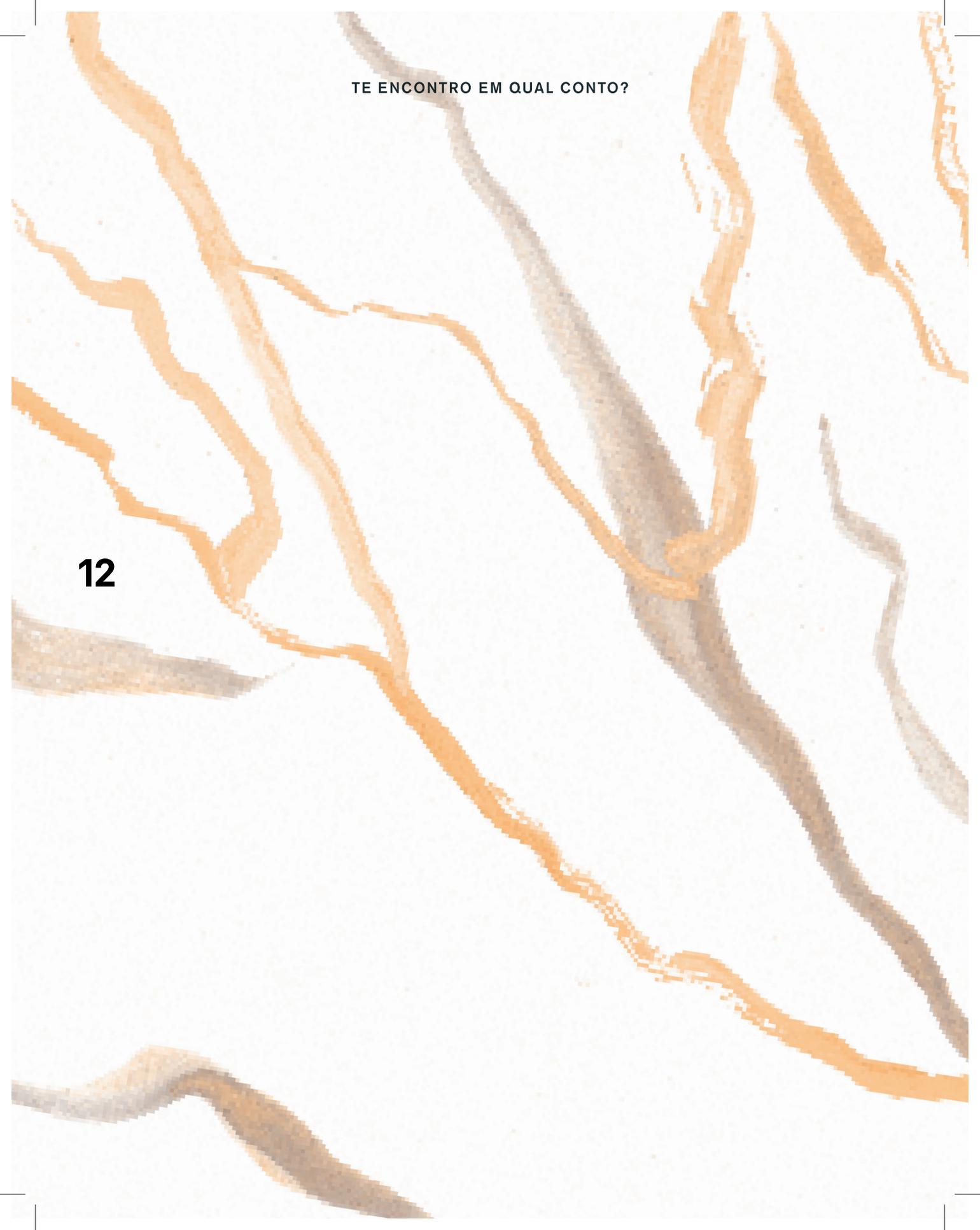
**APRESENTAÇÃO**



**11**

TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

12



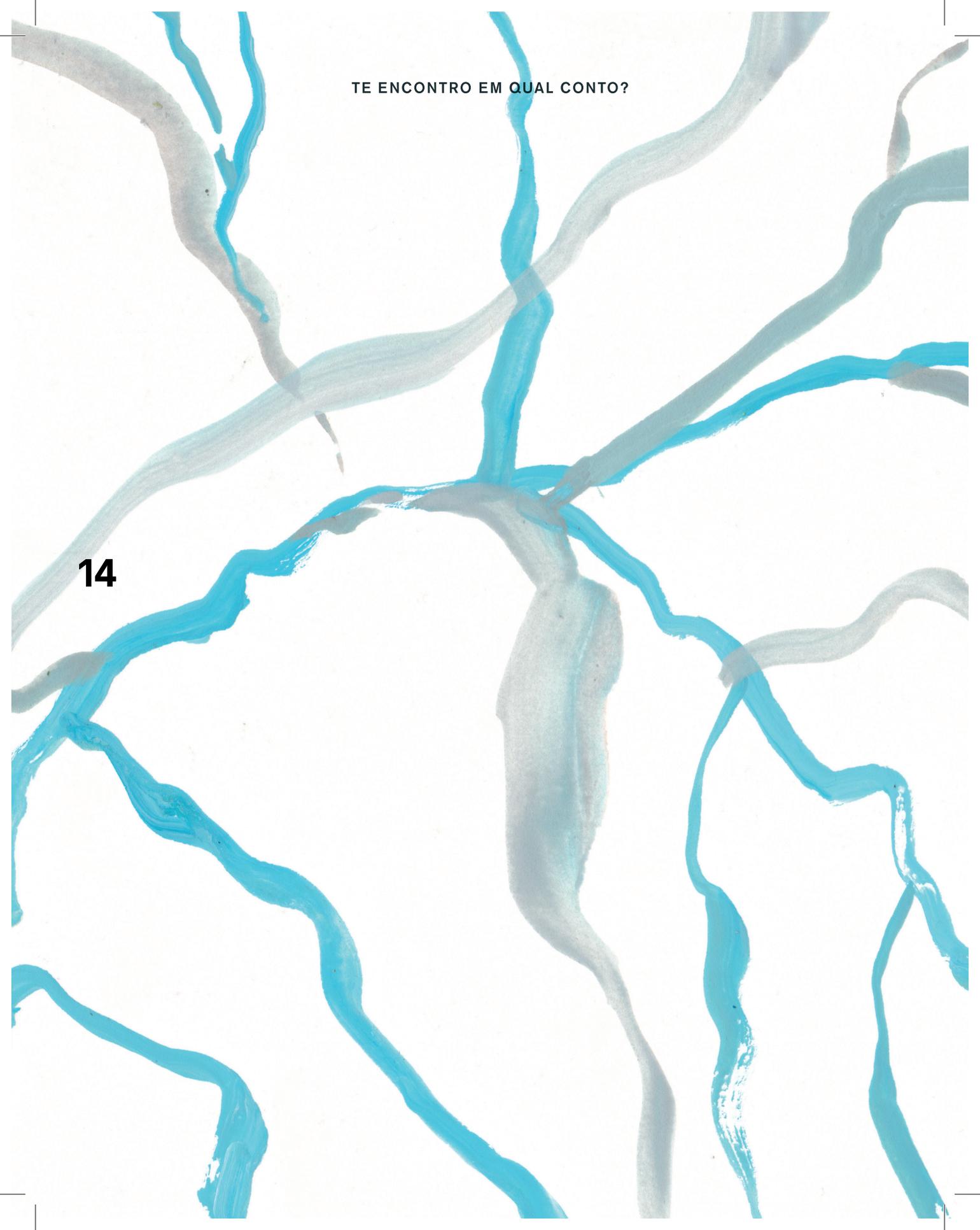


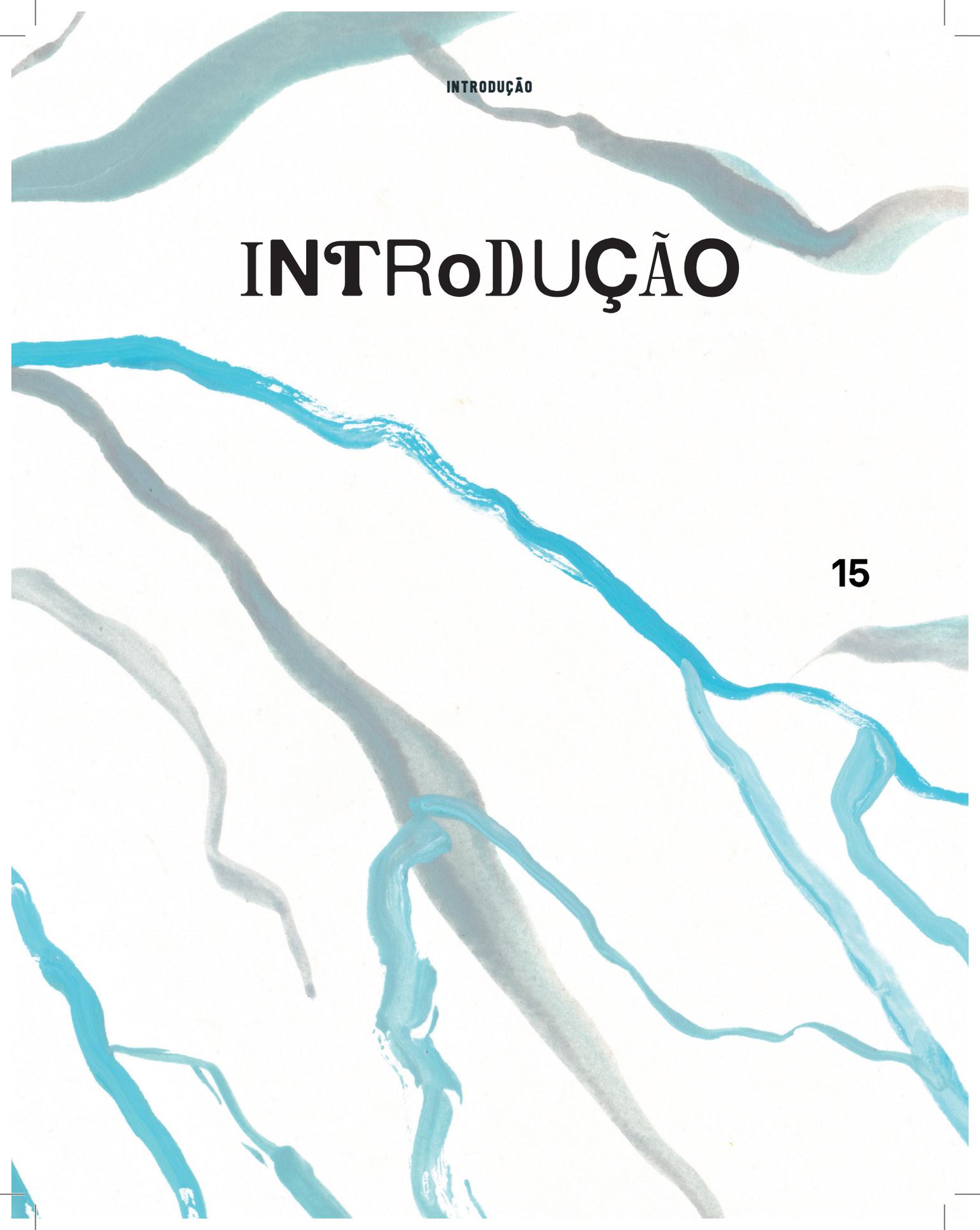
**APRESENTAÇÃO**

**13**

TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

14



The background of the page is an abstract composition of wavy, brush-stroke-like lines in various shades of teal and grey. The lines flow across the page, creating a sense of movement and depth. The colors range from light, airy blues to darker, more saturated teals and greys.

**INTRODUÇÃO**

# **INTRODUÇÃO**

**15**

Minha vida começou como as demais carrocerias. Chassi, pneus, lataria... Mas, quando eu estava praticamente pronto, só faltando os bancos, soube que meu destino seria diferente do dos demais. Em geral, ônibus são feitos para levar pessoas a um determinado lugar. Eu não. Eu iria para algum lugar para encontrar várias pessoas!

Colocaram diversos computadores no meu interior, assim, em vez de janelas, eu tinha monitores. E em frente a cada um deles, um assento.

Muito interessante, mas eu ainda não sabia nem para onde eu estava indo, muito menos para fazer o quê. Quando soube, que alegria! Eu seria um expresso! Sim, foi isso que disseram: um expresso. Fiquei todo orgulhoso, mas no fundo não sabia o que aquele nome significava. Procurei saber, fui prestando atenção nas conversas:

— Vamos tomar um expresso? — ouvi dizerem. Bem, não me “tomaram”. Falavam sobre café. Não, eu não tinha nada a ver com café. Ou será que tinha?

— Quero que fique bem expresso que...

De novo não era comigo, falavam sobre comunicação. Comunicação? Será que realmente nada tinha a ver comigo?

Logo fiquei sabendo que expresso era um meio de transporte que ia de um ponto a outro sem paradas. Mas para onde eu iria?

Depois eu soube que pertenceria a uma cooperativa e prestei muita atenção para saber o que isso queria dizer. Ah! Quando soube, que orgulho! Logo entendi que este era um bom jeito de encarar a vida, um ajudando ao outro, fazendo o outro crescer, e isso apoiado em três pilares: cooperação, transformação e equilíbrio. Era fácil de entender. Pois, para eu existir, foram necessárias muitas pessoas. Além disso, eu era a transformação em forma de ônibus. E... Espera aí, já imaginou os desastres que eu poderia provocar, se fosse desequilibrado?

## INTRODUÇÃO

Poxa, se para mim, que sou uma máquina, essas três bases são importantes, já imaginou para os indivíduos e para a sociedade?

Mal via a hora de começar minha missão. E foi rápido.

Vários jovens tomaram os meus assentos, ligaram os computadores, e cada um deles no seu tempo, no seu desejo, na sua vontade, inscreveu-se em algum curso.

Curso. Os rios seguem um curso, assim como nós, os ônibus, seguimos um caminho. E as pessoas também podem seguir os cursos de suas vidas, e, para isso, se preparam, fazendo cursos.

Se são jovens, então, melhor ainda, pois há muitas escolhas.

Era muito curioso perceber as escolhas que os jovens podiam fazer. A moça tímida que queria falar bem em público, o rapaz interessado em marketing, a senhora que quer saber de informática... Ah!... Tantas vidas, tantas histórias...

E eu, fazendo parte disso tudo, viajando pelo Brasil adentro, do sul ao norte, até de balsa eu andei.

Cada uma das pessoas que cruzaram meu caminho deixaram um pouco delas em mim, suas esperanças, seus desejos. Elas se transformaram também junto a mim, não só com o conhecimento que adquiriram e produziram, mas com o contato com os colegas durante as viagens, sendo transportados em mim.

Cada vida segue um caminho, um curso. E aqui estou para ajudar a atravessar o seu. A chegada? Isso é com você!

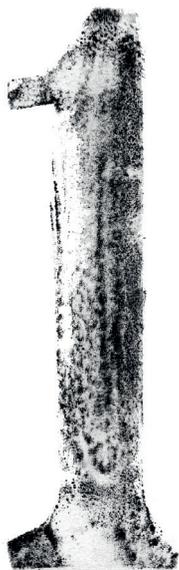


TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

# MioLo MOLe

18





19

— **ESSE** menino é abestado!

— Só pode.... Não aprende nada na escola! Só me faz gastar solado.

Mateus ouvia a conversa e se entristecia. Realmente ele tinha uma dificuldade enorme em se concentrar na sala de aula. Já tinha dez anos e mal sabia escrever o próprio nome. Era difícil ficar na sala, ele se distraía olhando pela janela, vendo o bem-te-vi gritar para pegar a ração do cachorro, observando o sol modificar as sombras. Na hora de escrever sem sair da linha ou de ler o que a professora escrevera no quadro, a cabeça doía.

— Esse menino tem miolo mole.

Devia ter mesmo. Como não sabia o que era ter miolo mole, isso já devia ser a prova de que tinha.

Não ousava perguntar, pois podia receber uma resposta pior. Então, conformava-se em ser chamado de Miolo Mole. Virou seu apelido.

— Miolo Mole! Vem cá!

Chamavam, e ele ia.

Em casa, ajudava nas tarefas. Pegava água, mas derramava.







— Esse guri não presta para nada. Nem jogar bola ele sabe!

Bola? Gostava. Mas era ruim, e nem mesmo conseguia acompanhar os jogos. Não era de assistir à TV. O aparelho de televisão ficava na sala, no lugar principal da casa. O sofazinho, já rasgado, coberto com uma colcha de retalhos que a avó costurara, era onde os mais velhos se reuniam para assistir à novela e a outros programas no final do domingo. Em dia de jogo, o pai ocupava o sofá, os irmãos se sentavam no chão para acompanhar, e ele, Mateus, não entendia muito bem. Distraía-se. Onde estava a bola? Para que lado os jogadores corriam? Mesmo assim, ficava sentado junto aos outros, olhando o ladrilho vermelho ou mirando lá fora, se a porta estivesse aberta, para fazer companhia aos irmãos e ao pai.

Gostava dos irmãos. Queria ser como eles. Mas não conseguia.

## 22

Tudo isso deixava Mateus muito quieto, triste mesmo. Histórias, por exemplo, ele adorava histórias! Quando a professora contava uma história, nossa! Como era bom! Ele viajava nas narrativas que ela contava. E gostava de todas. Fosse a do macaco comendo melado ou a do príncipe guerreiro, Mateus se imaginava lá, ao lado do macaco, ao lado do príncipe. E uma das coisas que ele mais queria era ler histórias em quadrinhos. Seus colegas pegavam as revistas na biblioteca, e liam, e conversavam, e apontavam. Ele fingia que entendia. Olhava as capas coloridas, via os super-heróis, sabia dos feitos, conhecia vilões, mas não conseguia juntar as letras. Tentava, tentava mesmo. A impressão que tinha é que ele gostava das letras, mas as letras não gostavam dele.

Um dia, a professora entregou um papel para ele e para os irmãos. Ele tinha de mostrar aos pais.

Chegaram em casa com a novidade.

A mãe estendeu o braço, colocou o papel sob a luz, não entendeu direito. Pediu para o filho mais velho ler.

João já tinha 12 anos, sabia ler bem. Leu:

— Senhores pais. Quarta-feira, dia 30, virá aqui na escola um oftalmologista que fará teste de visão em todos os alunos. Por favor, exijam a presença dos alunos nesse dia. É muito importante.

— Que diabo é isso?

João pegou o dicionário escolar e explicou:

— É médico da vista, dos olhos.

— Ah... — fez a mãe.

Pensou um pouco e falou, aborrecida.

— Tenho certeza de que é mais coisa pra pegar dinheiro da gente. É como eles dizem que vem o retratista pra tirar foto do grupo pro menino ir banhado e de roupa limpa pra escola. Aí depois cobram a foto do grupo, e, não bastando, tiram uma foto linda do menino da gente, e a gente, que é boba, se enrola toda para pagar. Começam falando que é só dez por mês, e esses dez, se faltar pagamento, viram 20, e a gente perde a foto e o dinheiro. Não pode ser boa coisa! E pra que querem esse teste? É prova?

Dia 30, João, Mateus e Marcos capricharam no banho e na limpeza dos olhos. Não sabiam que teste era aquele nem para que servia.

Assim que cada um entrou em sua respectiva sala, uma moça de sorriso bonito se apresentou:

— Olá, meu nome é Marina.

A turma respondeu conforme fora orientada:

— Bom dia, dona Marina!

— Bom dia! Eu sou da cooperativa de saúde da nossa cidade.

Então Marina explicou o que era cooperativa, a importância para a cidade. E Mateus entendeu tudo. Viu que alguns colegas que tinham miolo duro não entenderam, mas ele, que tinha miolo mole, sim. Não só compreendeu como achou bacana mesmo.

A tal Marina continuou explicando que todas as crianças da escola iriam passar por um teste oftalmológico, que havia um médico na escola. Esse médico, explicou ela, tinha sido enviado pela cooperativa. Ele está indo em todas as escolas do município testar os olhos das crianças. Mateus soube que o doutor tinha trazido um aparelho e iria descobrir quem enxergava bem, quem enxergava mal...

E foi isso que foi feito.

De cinco em cinco os alunos eram chamados, formavam fila e entravam na sala dos professores, que tinha sido arrumada para receber o médico.

Mateus estava curioso para saber como seria esse teste. Curioso, mas também apreensivo. E se o médico descobrisse que ele tinha miolo mole? Que vergonha seria!

Chegou a vez de Mateus. Ele entrou na sala com o coração batendo forte. O médico o aguardava com um *notebook* aberto e um aparelho estranho, que Mateus não sabia o que era, sobre a mesa.

— Entre Mateus! Seu nome completo?

— Mateus Bichara Rodrigues.

O médico digitou seu nome no computador.

— Você sente alguma coisa na vista?

Ele sacudiu a cabeça negativamente.

— Enxerga bem?

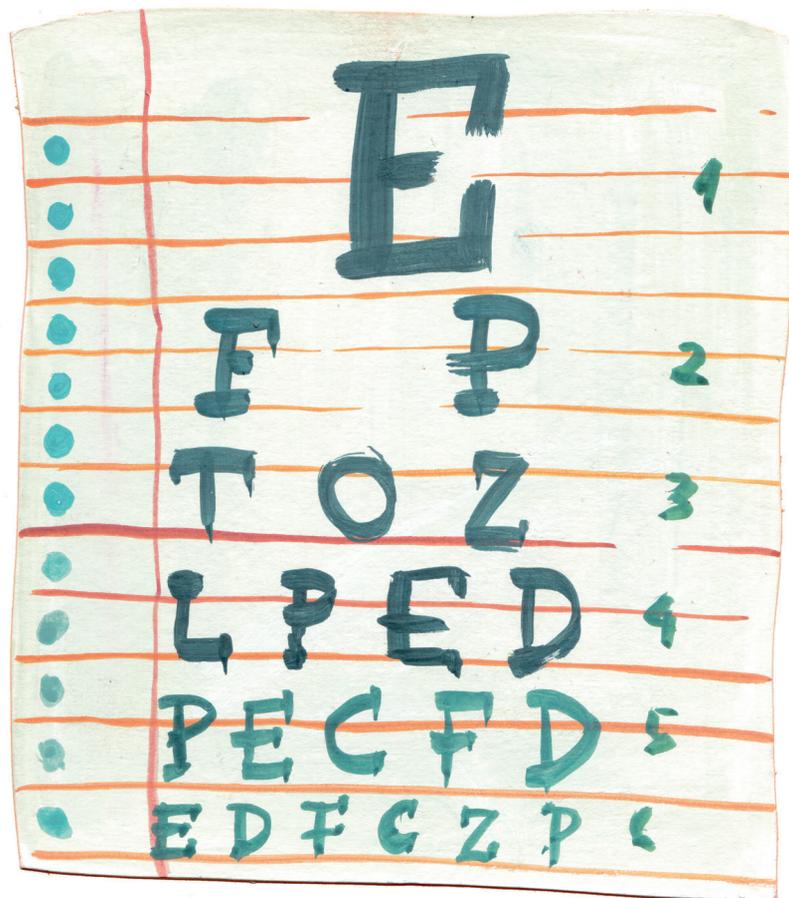
Ele deu de ombros. Não tinha jeito para saber se enxergava bem ou não.

— Sente dor de cabeça?

— Ah! Isso eu sinto, sim.

— Sempre?

— Só na escola.



E o médico anotou.

— Coloque o seu olho direito aqui...

Ele colocou.

— O que você está vendo?

— Nada.

— Nada? — espantou-se o médico.

— Uma nuvem talvez.

Aí o médico começou a mexer umas coisas e, aos poucos, aquela nuvem estranha foi tomando forma. E ele viu um gato! Quando viu o gato, ele gritou:

— É um gato! — e abriu o sorriso maior do mundo.

— Muito bem — e o médico continuou perguntando se ele conhecia as letras.

— Conhecer, conheço, só não sei juntar.

Então ele disse as letras que via, e falava quando não via, e o médico mudava alguma coisa no aparelho, e anotava. Aí o médico mostrou a ele um monte de bolinhas coloridas, e ele já estava vendo tudo muito bem com os dois olhos.

— Que número você está vendo?

— Hum... Seis? — falou, em dúvida.

Nossa! O médico riu muito.

— Seis! Que ótimo! E agora?

— Oito? — perguntou Mateus.

O médico riu mais ainda, parecia que Mateus o fazia muito feliz. E Mateus ficou alegre com isso.

— Muito bem, Mateus, você tem alguns problemas graves na vista, mas nada perigoso, nada que um bom par de óculos não resolva.

— Mas...

— Aqui está a receita, você fica com uma para mostrar a seus pais, eu vou ficar com a outra.

— Mas...

— Mas tem um agravante: você é daltônico.

— Eu sou o quê?

Pronto! Daltônico devia ser o nome científico para miolo mole! Tinha sido descoberto!

— Você é o primeiro daltônico que eu diagnostico!

“Ah! Era por isso que o médico ria tanto, era de felicidade”.

O doutor mostrou para Mateus um livro cheio de números coloridos, e disse:

— Olha, certinho, você viu o número 6, igualzinho ao que está no livro.

— Então, daltonismo não é miolo mole? — perguntou Mateus, baixinho.

E o médico riu mais ainda.

— Não existe miolo mole! Quem disse isso pra você?

— Todo mundo diz que eu tenho miolo mole.

— Tem nada! O que você tem é uma baita miopia, e também astigmatismo, mas a gente vai resolver isso com um par de óculos. Vem cá.

E o médico mandou Mateus olhar para frente, bateu foto, colocou os óculos no rosto dele, desenhou um X com canetinha e lhe entregou um papel.

— Leve isso. Volte no dia marcado, que os óculos estarão prontos.

Chegando em casa, Mateus entregou o papel para a mãe, que pediu, mais uma vez, para João ler.

— Ai! E essa agora? Óculos? E quem tem dinheiro para comprar óculos? Vai ser uma fortuna! E que história é essa de daltônico?

João pegou o dicionário e explicou:

— É quem não vê as cores direito, mãe.

— Ah! Igual ao meu irmão Pedro? Ele é assim, troca todas as cores! Coloca uma meia verde e outra vermelha e acha que está com duas iguais.

— É isso mesmo, mãe. O Mateus puxou ao tio Pedro.

— Não tenho miolo mole, sou daltônico! — disse Mateus, com orgulho.

E os irmãos começaram a rir, e mostravam para ele a almofada, o cobertor, e riam quando ele dizia os nomes das cores trocados. Um festival de disparates! Ele virou celebridade por um dia. Pelo menos na família.

No dia marcado, Mateus foi chamado para a sala da diretora, e lá estavam seus óculos esperando por ele. E ele colocou os óculos, e olhou em torno.

— Então — perguntou a diretora — está vendo tudo?

— Não, senhora — disse o menino.

— Como assim? — perguntou a diretora, preocupada.

Em seguida, ela olhou para ele e entendeu: ele enxugava as lágrimas. Lágrimas de emoção.

Lá estava o livro, a fivela do cabelo da diretora, o lápis com o anúncio de seu refrigerante predileto, tudo, tudo nítido e forte.

Chegou em casa com os óculos na cara e outro papel para a mãe ler.

Mais uma vez João leu o bilhete e explicou, eufórico:

— Mãe, você não tem que pagar nada! É a cooperativa que está dando os óculos!

Daquele dia em diante, Mateus não via a hora de ir para escola, aprendeu a ler muito bem, tão bem, que pode pular de ano e ir para a turma das crianças de sua idade. E ele não foi o único do colégio a ganhar óculos! Vários colegas também estavam de óculos, e o rendimento escolar melhorou demais!

Continuou ruim de futebol, mas leu muitas histórias, leu tantas histórias, que, quando seu novo irmãozinho nasceu, ele pegava o bebê no colo, abria um livro e lia até ele dormir.

## MIOLO MOLE

Ele já estava no quarto ano, quando, um dia, a mãe disse que tinha uma surpresa para o almoço: iria preparar miolo à milanesa.

Mateus ficou do lado dela, vendo o preparo e ajudando. Primeiro, ela lavou bem o miolo, que era uma coisa engraçada, cheia de bolinhas, voltinhas. Depois, ela cozinhou o miolo.

— Corte a cebola, Mateus!

Mateus cortou direitinho, agora não fazia mais bobagem, nem cortava o dedo.

A mãe colocou os temperos na água fervente. Depois, escorreu o miolo, cortou em tirinhas, Mateus ajudou a tirar umas fibras do miolo. E, uma a uma, as fatias foram passadas no ovo e na farinha.

— Segure com cuidado, Mateus, porque o miolo é mole.

Mateus riu muito! E depois de frito, Mateus viu que miolo era muito bom.

Realmente agora não chamavam-no mais de Miolo Mole.

Mas como nada é tão perfeito...

— Quatro olhos, vem cá!

TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

2



30

E HAVIA *BOLO*





**ALAIR** conseguiu um bom assento. Graças a Deus! Depois de um dia de trabalho pesado, voltar para casa sentado era uma sorte. Sabia que não usufruiria do banco por muito tempo, pois, em breve, certamente, entraria no coletivo alguma senhora, ou mulher grávida, ou alguém mais velho que ele, mais merecedor de um lugar sentado do que ele.

Enquanto essa pessoa não entrava, ele, pelo menos, podia descansar. Sabia que ao chegar em casa não seria possível o repouso, tinha muito a fazer. Algum dos filhos pediria história, carinho, banho. Sua mulher precisaria dele também. Era uma companheira formidável!

Ah! Como ele queria realizar o sonho dela! Ela queria uma festa de casamento, usar véu de noiva, vestido branco, mas o dinheiro nunca sobrava. Quem sabe um dia...

Quando se casaram, Idalina tinha apenas dezesseis anos. Morava na mesma comunidade que ele. Ambos frequentaram a mesma escola, mas largaram no Ensino Médio. Já não tinham o tempo que o estudo exigia.

— Você me ama?

— Muito!

— Pra sempre?

— Pra sempre!

Parecia novela, mas era realidade. Resultado: gravidez. Casaram-se no cartório. A princípio, moraram na casa dos pais de Idalina. Com o nascimento do menino, a casa ficou pequena.

Uma história como tantas que ele conhecia em seu bairro.

Alair foi trabalhando no que aparecia. Balconista do bar da esquina, entregador, servente de obra... Até que viu um anúncio que achou que podia melhorar sua vida: empresa de grande porte oferece vaga de auxiliar de limpeza. E era um salário e meio!

## 32

O anúncio dizia que o candidato deveria estar no local às sete horas para a entrevista, mas Alair chegou às quatro. Foi o primeiro da fila. Sabia que a espera seria longa. Sentou-se no batente agarrando o embornal no qual trazia um sanduíche de mortadela, uma garrafa com água e sua carteira de trabalho. Uma hora depois, chegou outro candidato. Alair olhou o concorrente e estremeceu. Parecia mais forte que ele. Às seis horas, a fila já dobrava o quarteirão.

Alair já estava com fome, sentia também o cheiro cativante do sanduíche de mortadela em seu embornal, mas não era de cair na tentação, não podia se apresentar em uma entrevista com hálito de mortadela! Pensou também que ia precisar se alimentar mais tarde, antes de pegar no batente. Não sabia se teria almoço. Distraiu-se vendo os funcionários da empresa chegando. Mostravam um crachá, e o porteiro permitia o ingresso.

“Em breve serei eu a mostrar o crachá para o porteiro!”, pensou. Começou a se imaginar trabalhando em um lugar amplo, arejado e movimentado com pessoas tão distintas.

Às sete horas em ponto, a porta se abriu e, em grupos de cinco pessoas, os candidatos entravam para a entrevista.

Alair pegou a prancheta que uma moça de *blazer* azul-marinho lhe apresentou. Nela, um formulário.

Caprichou na caligrafia, e, nessa hora, agradeceu à Dona Zeny, sua primeira professora que o obrigara a preencher páginas e páginas de um caderno dizendo: "Vocês precisam ter uma letra clara, limpa. A letra mostra a personalidade! Se for irregular, vão achar que vocês também são confusos. Caprichem!". Ele obedeceu.

Cargo, nome, filiação, endereço, estado civil.

— Alair de Castro Silva, correto? — perguntou o entrevistador.

— Sim, senhor, a seu serviço.

— Pelo que estou vendo aqui, o senhor é um homem de muitos atributos.

— A gente faz o que é necessário para viver direito. Sou pai de família.

— Tão jovem!

A entrevista foi rápida, e também o resultado. No dia seguinte, Alair soube que tinha sido aceito.

Chegou em casa, orgulhoso com sua carteira de trabalho preenchida. Parecia um sonho! Naquela altura da vida, ele já tinha três filhos.

E a vida seguiu o curso que as vidas seguem. Outras crianças surgiram. Idalina era uma mulher forte, dava à luz crianças com facilidade, e todas nasciam saudáveis. Como precisava tomar conta da filharada, Idalina não tinha oportunidade nem de trabalhar fora, nem de contribuir com algum serviço prestado em casa.

Quando o filho mais velho completou onze anos, ele quis trabalhar, mas Idalina e Alair disseram que, primeiro, ele tinha de estudar e aproveitar. Poderia fazer um serviço de entrega, mas só depois do horário do colégio e com os deveres feitos.

TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

34



"ALAIR & IDALINA   
ABRAÇADOS VIAM   
OS SORRISOS &   
A ALEGRIA DOS   
FILHOS. & ISSO   
ERA MUITO MAIS   
VALIDO DO QUE   
AS NOTAS QUE   
PAGARAM OS   
BRINQUEDOS" 

Trabalhar com carteira assinada provia a Alair segurança, auxílio-alimentação, décimo-terceiro e outros benefícios . Nos fins de semana, em geral, aparecia um serviço extra, os próprios funcionários ofereciam. Uma pintura de parede, um conserto. Alair fazia. O que não sabia fazer, aprendia e entregava.

Idalina, com os filhos mais independentes, começou a vender uns produtos de catálogo e, assim, mesmo com o número grande de filhos, comida não faltava na mesa.

Porém, volta e meia havia uma despesa extra. Era geladeira que quebrava; o telhado que rompera na última tempestade; dedetização, vestido de primeira comunhão, aparelho de dentes, óculos... Ah! Quanta coisa extra!

## 36

Em dia de pagamento, Alair ia direto ao Banco, pegava as notas, escondia muito bem escondido, com medo de ser roubado, e pegava o ônibus de volta para casa. Quando dava sorte, ia sentado. Naquele dia, a sorte estava do seu lado. Dez anos depois de ter passado a noite em claro para ser o primeiro da fila da entrevista de emprego, via sua vida melhorar. Não precisava mais temer ter seu pagamento roubado na condução, por exemplo.

Depois de dois anos de serviço, a empresa passou a fazer parte de uma cooperativa. Seu salário era depositado, e ele tinha cartão, talão de cheque, tudo com o nome dele impresso.

Em sua vida particular, as coisas também melhoraram: sua casinha estava quase pronta. Tinha virado a laje no último fim de semana. E o dinheiro para a laje foi a cooperativa que emprestou. Não era um financiamento grande, como para uma casa ou um eletrodoméstico. Era o que ficou conhecido como "empréstimo quebra-galho". Coisa para ser paga em um ou dois meses.

Em casa, foi acolhido como um rei. As crianças correram para abraçá-lo, e cada um tinha uma novidade para contar. Alair beijou Idalina. O jantar foi arroz, feijão, couve e carne-seca. Tudo delicioso.

## E HAVIA BOLO

Já deitado na cama ao lado de sua companheira, os olhos pesando, Alair ouviu Idalina sussurrando.

— Meu amor, semana que vem é o Dia das Crianças!

— Hum hum.

— O que a gente vai fazer?

— Hum hum.

— Presta atenção, homem! Eles estão contando com alguma surpresa, e essa laje levou todas as nossas economias, além de precisarmos pagar o empréstimo. Não dá nem para eu comprar ingredientes para fazer um bolo, quanto mais para um brinquedinho de camêlo. Ah! que vontade de comer um bolo de chocolate com calda... Seria tão especial...

— Amanhã eu vejo — resmungou Alair.

E o amanhã virou hoje. Alair pegou a condução para o trabalho pensando na solução. Ah! Eles mereciam! Eram crianças maravilhosas! Luís, por exemplo, estava doido por uma bola. Larissa, um dia, viu uma boneca na vitrine e falou nela o dia inteiro. E Josué? Como gostava de carrinhos... Cilmara sonhava com uma bicicleta, mas isso era sonho difícil. Um dia ele compraria alguma de segunda mão, daria um trato nela e presentearia a filha no aniversário.

Fez as contas, viu de quanto precisaria para presentear os filhos e ainda ter uma sobremesa. Tomou uma decisão: na hora do almoço, foi à cooperativa. O gerente o atendeu.

— Como vai? O que o traz aqui, seu Alair?

— Tudo bem, graças a Deus, doutor. Eu vim aqui pedir um empréstimo. Coisa pouca, mas necessária.

— Deixe-me ver sua ficha.

O gerente pegou seu cartão, olhou para o computador, digitou al-



Alair do Uscalg Auxilio

CARTEIRA DE  
TRABALHO  
PREVIDENCIA  
SOCIAL

VOCE ME  
AMA?

AUXILIAR DE LIMPEZA  
EMPRESA DE GRANDE PORTE

RECE  
EMPR  
INF



guma coisa e disse:

— Mas, seu Alair, o senhor já contraiu um empréstimo esse mês. Não posso lhe dar o segundo.

— Eu sei, doutor, eu pago direitinho, o senhor pode ver na minha ficha.

— Eu sei, praticamente todos os meses o senhor pede um empréstimo.

— E eu agradeço, se não fosse essa ajuda, a geladeira ainda estaria quebrada, e eu não teria uma laje na cabeça.

— É para isso que estamos aqui, é para isso que a cooperativa existe, seu Alair, para melhorar a vida de todo mundo. Agradeço a gentileza, mas é nosso serviço.

**40**

— Então, doutor, quebra esse galho pra mim?

— Não dá, seu Alair, termine de pagar o anterior que eu lhe darei novo crédito de bom grado.

— Mas, doutor...

— Veja, seu Alair, se eu lhe conceder novo empréstimo, sua vida poderá ficar difícil, não é má vontade, é para o seu bem-estar financeiro mesmo, a gente aqui quer ajudar, e não atrapalhar sua vida.

Nesse momento, Alair colocou a mão no bolso e abriu uma carteira. Era uma carteira sanfonada, destinada a cartões, porém em vez de cartões cada bolso de plástico transparente mostrava um rostinho: doze rostinhos de crianças.

— Veja, doutor, são meus filhos.

O gerente contou.

— Doze? Mas são os apóstolos! Quanto menino bonito, seu Alair! O senhor está de parabéns!

— Estou mesmo, mas o mérito é de Idalina, minha esposa. Ela é quem educa os meninos.

Então ele fez uma pausa, suspirou e disse:

— Doutor, dia 12 de outubro é daqui a duas semanas. É o Dia das Crianças, e também é feriado, dia santo. Não posso decepcionar essa meninada tão boa, tão paciente. Eles nunca se queixam de nada. E olhe que hoje em dia os meninos já têm celular, já têm joguinho, e eles nunca, doutor, nunca mesmo, me pediram. Mas é 12 de outubro, um agrado eu preciso fazer.

O gerente olhou novamente a carteira, mesmo sem saber os nomes daquelas crianças, ao mirar cada rostinho, imaginou uma voz, um sorriso, um choro. E eles deveriam, como toda criança, brincar. Era o direito deles. Pensou e disse:

— Está certo, seu Alair, a gente vai lhe conceder o empréstimo. Mas, veja bem, isto é uma exceção.

O rosto do homem se abriu como uma janela depois da chuva. Seus dentes ocuparam a sala toda.

Naquele dia, ao voltar para casa, cedeu seu lugar com simpatia e vontade. Voltou de pé, não se sentia cansado. Ouviu seu coração cantando.

Como sempre, foi abraçado pelos filhos, comeu arroz, feijão, farinha e couve, couve da pequena horta que eles tinham atrás de casa.

Já na cama, ele sussurrou:

— Meu amor, o presentinho das crianças está garantido.

— De verdade?

— Sim. Amanhã mesmo, quando eles estiverem na escola, compre os presentes.

— Certo! Vou escondê-los debaixo da cama.

## TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

Assim foi feito. No dia 12 de outubro, quando as crianças acordaram, doze pacotinhos coloridos espalhados no sofá esperavam por elas.

— Ei! — exclamou Lorena — O que é isso?

— Feliz Dia das Crianças! — falaram Alair e Idalina, como se tivessem combinado.

— Gente! Vem ver!

Como um bando de passarinhos, os meninos voaram para a sala. Achavam seus nomes e soltavam gritinhos.

Bola, boneca, jogo, tiara, carrinho, ioiô... Ah! Quantos brinquedos!

Alair e Idalina, abraçados, viam os sorrisos e a alegria dos filhos, e isso era muito mais valioso do que as notas que pagaram os brinquedos.

Sentaram-se felizes em volta da mesa do café da manhã com seus novos brinquedos.

E havia bolo!



4.3



**ACEITA UM  
CAFEZINHO?**

**CARMEM** Lúcia desligou o fogo, tirou o bule com água fervente do fogão, derramando no saco de pano que já estava com quatro boas colheres de pó de café. A química cheirosa aconteceu: o líquido saiu escuro para alojar-se no reluzente bule de lata já aquecido.

— Ô, de casa! — ouviu Carmem Lúcia.

— Olá Aristides! Que bons ventos o trouxeram?

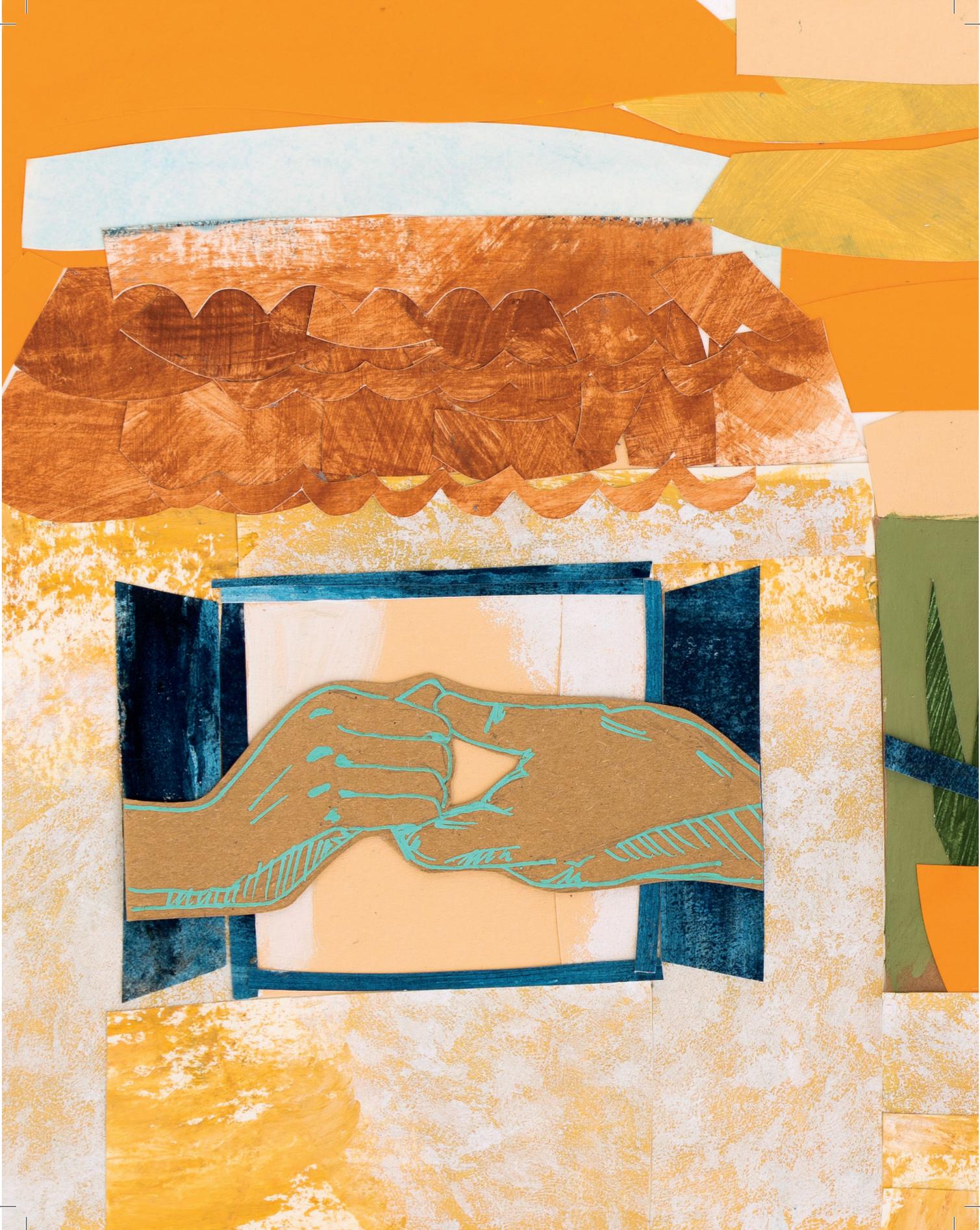
— Bons mesmo! O cheirinho do café passado me trouxe!

Carmem Lúcia riu. Claro que era mentira. Aristides era um dos mais bem sucedidos produtores de café da região. O café servido na casa dele era delicioso. Inclusive o café que ela tinha acabado de preparar viera da fazenda de Aristides.

— Está se autoelogiando, viu?

— Que nada! Você faz alguma mágica no café que prepara, tenho certeza. Aliás, trouxe mais cinco quilos pra você.

Dizendo isso, ele colocou sobre a grande mesa de madeira da cozinha uma sacola contendo os pacotes de café. Car-





mem Lúcia pegou um pacote, bonito, fundo marrom com enfeites vermelhos e letras douradas, e o aproximou do nariz.

— Que cheiroso! E ainda está quente!

— Foi torrado há pouco mesmo.

— Obrigada, de verdade!

— Não há de quê. Mas vai me oferecer um café ou não?

— Claro, sente-se e pegue uma xícara. Sirva-se também de uma fatia de bolo de milho. Também foi feito hoje.

— Ah! Então está explicado esse cheiro bom!

— Bolo e café, ótima combinação, não é?

— Perfeita!

Ambos beberam um gole do líquido quente. Aristides tomou amargo mesmo. Carmem Lúcia adicionou uma colher de açúcar.

— Seu café é tão bom, que dei para fazer refresco com ele. Adoço, coloco gelo e pronto! — ela disse — Nossa terra é abençoada por produzir um café dessa qualidade.

— Tem razão, Carminha. Mas tudo é custoso. A natureza não é uma máquina. A gente tem uma boa terra, adubada, boa pro plantio. Plantamos o café, aí, se não houver geada, nada que atrapalhe, a safra vem boa, aqueles grãosinhos lindos, vermelhos e doces, salpicando a paisagem. Antigamente, a gente botava no sol pra secar, depois de colhidos, agora já tem máquina que seca tudo direito.

— As máquinas são uma bênção! Claro que ainda prefiro café coado, é meu hábito e jeito, mas um cafezinho expresso do bom, só mesmo saído de uma máquina! — riu Carmem Lúcia.

— Seu jeito de coar café, minha cara, é cheio de amor, não é o meu grão que faz ele ser tão gostoso, não, pode crer. Café é feito filho da gente, cada um do seu jeitinho. Então, há uns grãos menores,

## ACEITA UM CAFEZINHO?

outros maiores... E o que acontece? Na hora de torrar, se torrar tudo junto, os menores queimam, e os maiores ficam crus. Compromete o gosto, como muitos cafés que se vê por aí. Antigamente, tinham de ser separados. Manualmente, era um horror, uma trabalheira! Impossível mesmo. E a nossa cidade é conhecida por essa qualidade de clima, de terra boa para o plantio.

— Maravilhosa! Mas, Aristides, me explica como é que se separam os grãos?

Aristides sorriu. Gostava de ser fazendeiro, tinha orgulho de seu café. Falar sobre este tema o deixava feliz. E falar para Carmem Lúcia então... Pois é, desde jovem, ele gostava dela, mas eles eram muito amigos, e, apesar de ele achar que era correspondido, só queria se declarar quando tivesse mais certeza. Aceitou a empreitada e falou:

— Ah... Se a gente pensa na história... Nosso café, que sempre foi amado pelos europeus, precisava chegar lá no estrangeiro. Mas transportar tudo, em lombo de mula, era trabalhoso e demorado. Levava uma semana para chegar nos portos.

E aí veio uma máquina da Itália, cara que só. Daquele jeito é que o pequeno produtor não teria vez mesmo. Então, se juntaram pensando no desenvolvimento de uma máquina melhor. Mas como? Um teve a ideia: vamos pedir ajuda aos universitários! Quando ele falou isso, todos riram, mas realmente era o que devia ser feito. Acionaram uma universidade da cooperativa de educação onde os alunos pesquisadores pudessem desenvolver uma máquina mais barata para os pequenos produtores terem acesso. Assim todo mundo iria poder torrar e ter um café de boa qualidade.

— Então, Carminha, a cooperativa financiou a pesquisa. Vários centros de pesquisas e universidades aceitaram o desafio e conseguiram: inventaram uma máquina muito boa para separar o café. Só teve um porém...

— Qual? — perguntou, interessada Carmem Lúcia, com o pensamento dividido entre a história e o fato dele chamá-la de “Carminha”, o que, aliás, ela adorava. Ele falava de um jeito especial, carinhoso...

— A danada da máquina é barulhenta que só! Tem de se tapar os ouvidos muito bem tapados para se trabalhar nela! Mas funciona! Com isso, conseguimos um número maior de máquinas entre os produtores, e o café, então, pôde ser torreficado homogeneamente. Agora só mesmo a geada pode nos atrapalhar, nada mais!

— A cidade toda melhorou com isso, não foi?

— E como!

Os produtores cooperaram entre si, dando dicas de plantio, e a safra foi maravilhosa! Hoje nosso café é um dos dez melhores do mundo! É muita felicidade!

Carmem Lúcia sorriu. Ela sabia sobre o que Aristides estava falando. Como este movimento foi benéfico para todos na região. Lembrou-se de como seu pai se alegrou com tanta mudança. Sentiu saudades dos pais.

— Aceita mais um cafezinho? — ofereceu.

Aristides estendeu a xícara. Ficou em silêncio. Depois de pousar a xícara na mesa, pegou a mão de Carmem Lucia.

— Fico feliz que goste tanto do café lá da fazenda.

— E como não gostar? Café não é só café. É uma desculpa para um encontro: vamos tomar um cafezinho, pronto. É dinheiro: vamos apostar um cafezinho! É um encerramento: Garçom! Um cafezinho!

Ele, então, segurou as mãos dela e disse:

— Então, você aceitaria tomar um cafezinho comigo para o resto de sua vida?

## ACEITA UM CAFEZINHO?

Ela abriu um sorriso enorme:

- Por que demorou tanto a oferecer?
- Não sabia se você iria querer preparar tanto café...
- Seu bobo!

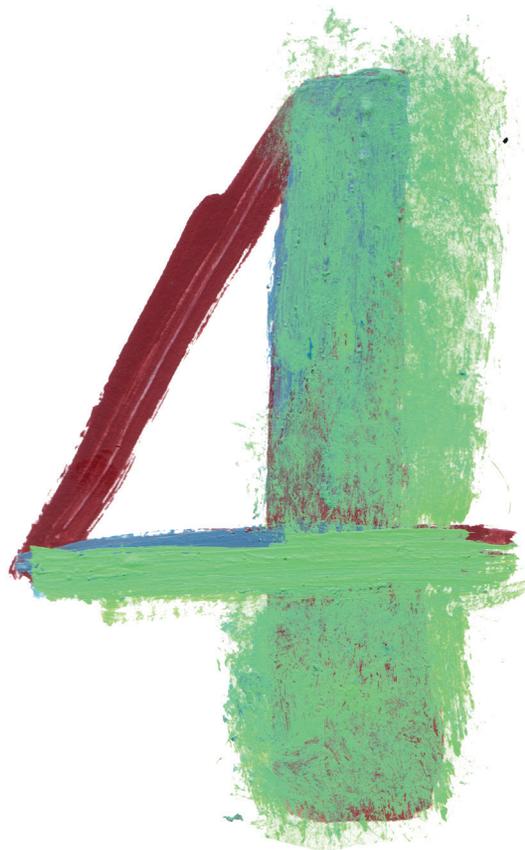
Aristides, então, aproximou seu rosto do dela, e eles se beijaram suavemente.

- É, assim, café com açúcar fica muito bom! — disse ele.



TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

52



# DE MULHER PARA MULHER

## — COM licença, mas... dona Eliane?

53

A mulher se virou ao chamado, reconheceu o olhar, o sorriso, apertou os olhos como se estivesse encarando o passado e se lembrou. Arregalou os olhos e exclamou:

— Lucília do Leite! Quanto tempo!

As duas senhoras se abraçaram. Eram duas mulheres maduras, já chegando à terceira idade ou, talvez, já nela, ambas apresentavam rostos sem maquiagem, roupas boas e duráveis.

Eliane tinha os cabelos curtos, pintados de castanho. Lucília tinha os cabelos presos em um coque, bem brancos, o que ressaltava mais seu rosto redondo e vermelho, sem rugas.

— Que bom que você me reconheceu! — exclamou Lucília.

— Você está a mesma...

— Cabelos brancos...





— Mas eram tão louros, que nem dá para notar que embranqueceram. Está linda como sempre!

— Está ocupada? Vamos tomar um café?

— Claro! Será um prazer! Não, não estou ocupada agora, finalmente me aposentei.

As duas antigas amigas deram-se os braços e logo acharam uma cafeteria, onde se sentaram, pediram chás e biscoitos. Em pouco tempo abriam as carteiras e mostravam retratos dos netos. Os nomes dos filhos e dos netos desfiaram-se como um rosário. Detalhes, dentes caídos, gracinhas...

— E como vai seu marido, Leopoldo?

— Deus já o levou para o andar de cima. Teve um problema de coração, morreu dormindo, sem sofrimento.

— Antes assim.

— Pois é, e eu tive de, mais uma vez, aprender a viver.

— Imagino.

— Mas, se eu consegui, eu devo a você! — Parou um pouco e continuou. — Agora posso te chamar de você, não é?

— Claro! Somos amigas! Você não me deve nada. Só você teve o mérito de tudo que aconteceu na sua vida.

— Eu e a cooperativa, e, no caso, a cooperativa era você, eu me lembro bem de como você era conhecida, a dona Eliane da cooperativa.

— É verdade, “cooperativa” virou meu sobrenome!

— Como o meu virou “do leite”. Aqui entre nós, antes, eu era a Lucília do Leopoldo, ser “do leite” é bem melhor! Ah! Nunca vou me esquecer do dia em que a senhora chegou lá em casa...

— Eu também lembro! A sua, foi a primeira casa que visitei. Eu era novinha, tinha começado a trabalhar na cooperativa. Antes eu era balconista em uma loja, mas já tinha sido faxineira. Aí fiz o curso de Contabilidade, e a cooperativa me convidou para trabalhar lá, substituir uma funcionária que se aposentara. Que trabalhadeira! Tudo era feito a mão! Aí, como precisávamos de mais associados, tive a ideia de ir até a comunidade, ir batendo de casa em casa. Cheguei à sua porta, bati palmas e...

— Que alegria foi recebê-la! Leopoldo ainda estava fazendo a sexta. A gente ia cedo para o campo. Aí eu voltava antes para preparar o almoço, ele vinha depois, comia e dava uma dormidinha. Eu não podia ter o descanso, tinha de lavar tudo, já deixar a janta pronta, cuidar das crias, dos bichos... Vida dura, mas não me queixo. Era só o que conhecia. Aí você chegou, sorriu, se apresentou... Nossa! Como me senti feliz por ter visita, e tão honrada! Ofereci um chá, que era o que tinha, e você começou a falar da cooperativa e disse que ia haver um encontro no salão da igreja, lembra? Uma freira viria falar de remédios naturais, de cuidados, e ia ter uma galinhada, que era pra gente levar a tigela e a colher.

— Eram bons os encontros...

— Se eram! A freira, que era enfermeira, nos explicava tudinho sobre higiene, saúde, primeiros socorros e cuidados. Até de tabelinha para prevenir a gravidez ela falava! Falava de tudo. Depois você vinha, explicava tudo a respeito de economia, de poupar dinheiro, da importância da poupança, do cuidado... Aí vinha de mansinho, mansinho... e dava um jeito nos corações dos maridos para a gente também ter conta. Lembro quando você disse para o Leopoldo: "Agora que o senhor está cuidando dos suínos, por que não deixa a Dona Lucília cuidar das vacas?". Aí ele escutou aquilo e pôs o meu nome na conta, e eu tive talão de cheques com o meu nome pela primeira vez! Depois, ninguém mais me segurou! Ele não podia dizer mais nada! Se eu queria uma geladeira pra botar na cozinha,

eu comprava! Eu pagava as prestações direitinho, e ele quieto! No início, estranhou. Mas eu disse: “Ué! Tu não me perguntaste quando pegaste o empréstimo para comprar o debulhador, não é? Pois agora é minha vez: eu preciso de uma geladeira boa!”. Depois ele ficava orgulhoso, mostrava a geladeira para os compadres, ficava feliz quando a cerveja gelava também. Ah! Foi uma revolução na comunidade! Nós todas, as mulheres que já gastávamos o nosso couro no campo sem recompensa, a não ser alimentar filho, pudemos ser gente também!

— Vocês eram muito queridas!

— E tu? Quando tu entraste no salão da igreja, toda perfumada e disse que era formada em Contabilidade, eu disse para minha filha, Marlize: mira nesse exemplo! Uma mulher que entende de matemática, faz contas, está aqui de noite, sem o marido, o marido está tomando conta do bebê dela. Veja que as mulheres podem tudo!

— Gostei muito de trabalhar com vocês mesmo, obrigada — disse Lucília, modestamente.

— Ah! E eu nunca esqueci o que tu fizeste por mim, nunca mesmo.

— Mas eu nunca te fiz nada especial...

— Fez sim. Uma vez, eu fui até a cooperativa. Estava desgostosa com uns problemas meus. Você logo viu no meu semblante que eu estava triste, diferente. Me deu um café, umas bolachas. E eu precisava desabafar com alguém de confiança. E você ficou me ouvindo por quase duas horas. Eu chorei na sua frente. Tu me aconselhaste, disseste: “Veja, já passei por isso e estou aqui. Tenha força, que tudo dará certo. E só o fato de me ouvir foi muito importante. Eu não tinha ninguém por mim.

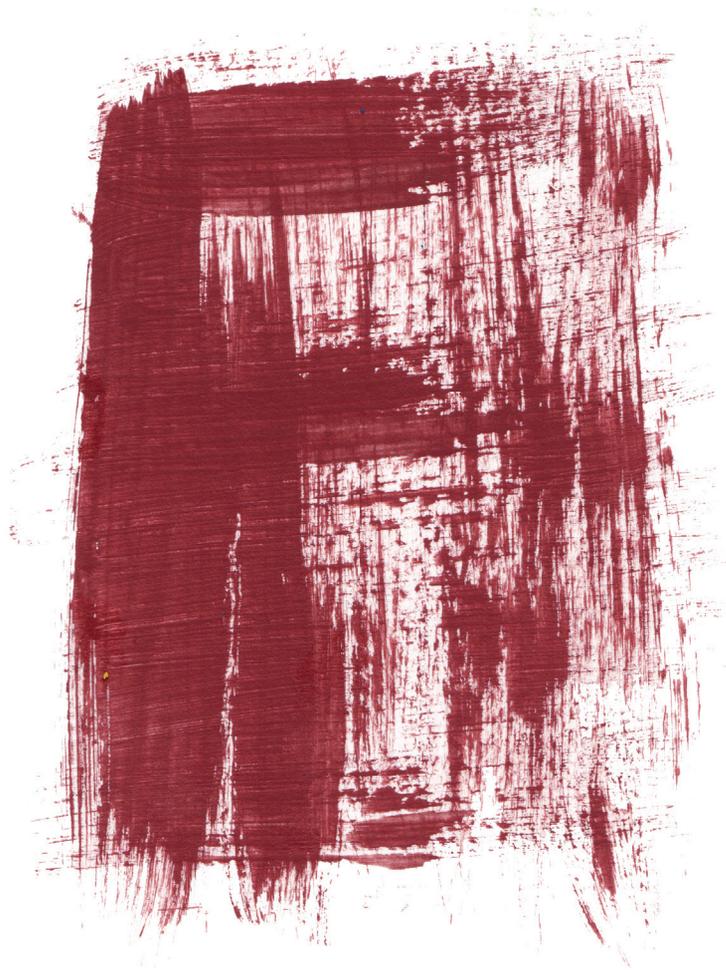
As duas mulheres se despediram.

Eliane foi para casa pensando. Vagamente, lembrou-se de uma jovem Lucília de rosto molhado de lágrimas. Então, como num jogo

## DE MULHER PARA MULHER

de fotografias, viu outras tantas mulheres que passaram lá na sua sala na cooperativa, levando pela mão um filho, trazendo um bolo de presente, uns biscoitos, um agradecimento.

E Eliane se sentiu eternamente agradecida.



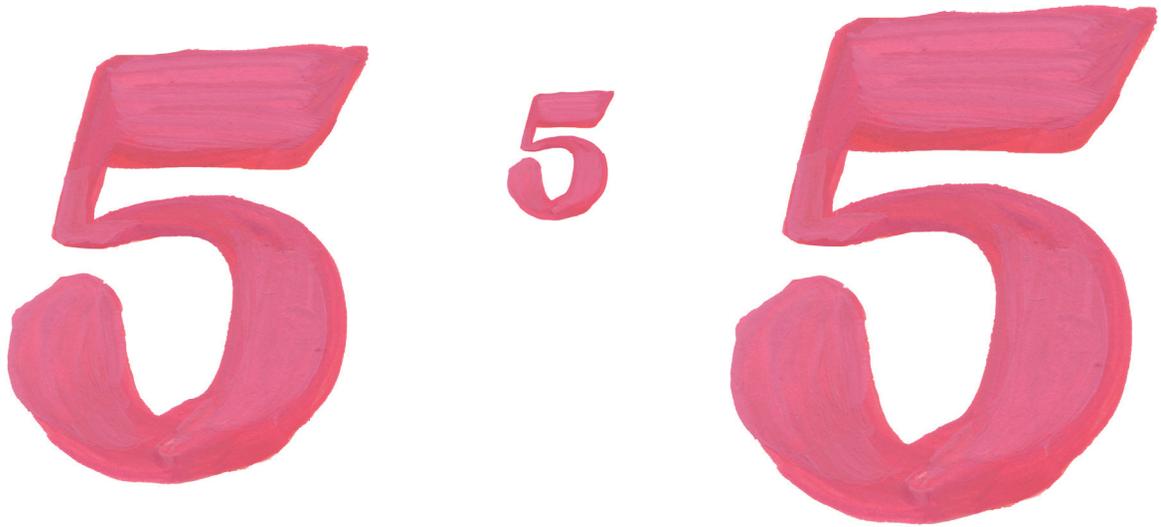
TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?



60



**COM MUITA GARRA**



**DESDE** os onze anos de idade, Lourenço queria trabalhar na cooperativa. O pai era um cooperado, e ele via sua alegria em pertencer a uma organização preocupada com a coletividade. O pai explicava que eles eram pessoas comuns unidas por um objetivo comum, procurando melhorar as condições culturais, sociais ou econômicas de todos, dividindo direitos e deveres.

Era um sonho entrar para essa cooperativa de trabalho. Era mais que um emprego, era uma filosofia de vida.

Trabalhar no que se gosta, em algo que se vê o resultado, que não cansa, ao contrário, é estimulante e, ainda por cima, não esqueciam o lazer, até viajavam de férias em uma excursão programada pela cooperativa. Devia ser tão divertido! Esse era seu objetivo: ser funcionário da cooperativa. Terminou o Ensino Médio, entrou para a faculdade e soube que havia vaga para estagiário!

— Pai, mãe, amanhã vou para uma entrevista na cooperativa.





Vocês vão ver, em breve, estarei trabalhando lá, ajudando em casa, vocês vão ver!

— Não pense no futuro, Lourenço, pense no presente. Coma bem, durma bem e vá calmo para a entrevista.

Fácil dizer, mas quem é que conseguia dormir com tanta expectativa? Um olho fechava, o outro abria.

O dia nem havia clareado, e ele já estava de banho tomado, pronto para a entrevista. Teria de faltar aula, mas compensaria depois. Seria uma primeira seleção. Queria estar bem apresentado.

Chegou na cooperativa, ambiente que conhecia bem, preencheu um formulário, junto com vários outros candidatos e esperou ser chamado.

64

Não foi bem uma entrevista, foi uma dinâmica de grupo bastante interessante. Voltou para casa apreensivo.

— Então? Como foi? — quiseram saber os pais.

— Não sei, não foi nada o que eu esperava. Vejamos no que vai dar.

Almoçou, dormiu um pouco e foi para a faculdade, onde cursava Administração de Empresas. Para pegar todas as matérias que queria, tinha aulas pela manhã e à noite. Assim adiantava seus estudos.

— E então, Lourenço, conseguiu o estágio? — perguntou Melissa, sua colega de turma.

Lourenço guardava por ela um carinho especial, mas ainda não se sentia seguro para chamá-la para sair.

— Foi apenas a primeira seleção. Acho que me saí bem, mas eu quero tanto trabalhar lá, que fico ansioso. E ansiedade, você sabe, costuma estragar tudo.

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo.

— Como é que você sabe?

— Ora, já te conheço há seis meses. Vejo como você se esforça, é bom aluno, inteligente, é claro que irão te aceitar. Não vai haver melhor estagiário que você.

Ouvir aquilo aumentou seu ânimo e seu amor por ela. Mas ainda achava que tinha pouco a oferecer. Se ele conseguisse o estágio....

No dia seguinte, o telefone tocou: tinha passado para a fase seguinte! Dali em diante foi uma batelada de testes e entrevistas, tudo com o incentivo de Melissa.

— Estou me sentindo como se fosse uma eliminatória da Copa do Mundo!

— Não se preocupe. Tenho certeza de que você vai fazer um gol de placa.

Até que chegou o dia da última entrevista.

Que nervoso! Era tanta a ansiedade, que ele roeu as unhas até o sabugo! Resultado: seus dedos chegaram a sangrar.

O supervisor o chamou, ofereceu cadeira, que ele aceitou, e café, que ele recusou.

— Então, meu rapaz, você acha que está preparado para trabalhar conosco?

— Claro. É meu desejo desde criança. Via meu pai vindo aqui, voltando feliz sempre que vinha. Participamos das excursões e das assembleias. Sei como a cooperativa funciona, sei que é um espaço de trabalho onde há compreensão, afeto. Sei que o objetivo não é o lucro, embora isso seja importante. Eu vou conquistar esse cargo na garra!

O supervisor riu:

— Certo, mas antes terá de ter unhas, não é?

Foi aí que Lourenço reparou no estado em que estavam suas mãos. Nem percebera o estrago que fizera nelas.

Chegou em casa menos esperançoso do que das outras vezes.

— Calma, meu filho, você vai passar, sim. O que é do homem o bicho não come, diz o ditado. Se for para o seu bem, conseguirá.

Para o bem talvez não fosse, pois não fora daquela vez que conseguira a vaga. O telefonema que recebeu foi simpático, ele tinha sido aprovado, porém ... não seria daquela vez...

Lourenço desligou o telefone desalentado. A mãe percebeu logo a expressão do rapaz.

— Paciência, meu filho, quando for o melhor para você, acontecerá.

— Mãe, eu vou tentar de novo, eu vou tentar quantas vezes forem necessárias!

— Então será recompensado.

Seu problema, agora, era chegar na faculdade e contar para Melissa. Não queria que ela tivesse uma má impressão dele; por outro lado, se o que ela sentia por ele fosse realmente verdadeiro, ela entenderia. E foi o que aconteceu.

— Melhor, assim você vai poder me chamar para lanche de tarde. Amanhã é um bom dia, o que acha?

O que ele achava? Que seu coração ia saltar pela boca!

Agora ele sabia que era correspondido, mas ainda não tinha muito o que oferecer a ela. Bem, poderia oferecer um lanche.

No dia seguinte, eles se encontraram na lanchonete e conversaram sobre tudo. De mãos dadas. Se alguém perguntasse a Lourenço qual tinha sido o melhor dia de sua vida, certamente ele diria: o dia em que não passei no estágio!

Agora parecia que tudo iria dar certo. Duas semanas depois, outro telefonema:

— Ainda está interessado no estágio? — perguntaram do outro lado.

— Claro que estou!

— Mas não sei se o horário será bom para você: das 13h às 18h.

— Perfeito!

— Ótimo, então apareça na cooperativa amanhã, às 13 horas.

— Estarei aí.

Lourenço se lembrava disso tudo, do toque das mãos de Melissa, do primeiro dia de trabalho, do abraço e do beijo de Melissa, quando ele contou a ela que tinha passado no estágio.

Recordava-se de tudo. Logo foi promovido a assistente. Em um ano, comprou um carro. Melissa foi a primeira pessoa a entrar no carrinho. O tempo foi passando, e ele lá, com um olho na cooperativa e outro, na Melissa. Depois de sete anos de trabalho, subindo de cargo, ele comprou uma casa. E os dois se casaram.

— Papai...

Lourenço abriu a boca! Melissa riu. A menina no colo da mãe esticava os bracinhos e dizia *papai* pela primeira vez.

68



**A VIDA PEDE  
CARONA**

**CARLOS** olhou para o boletim como quem olha para uma revolução: todo em vermelho! E agora? Como dizer para os pais que tinha sido reprovado? Bem, o melhor era fazer que nem esparadrapo: dizer tudo de uma vez. E foi o que fez.

69

O cafezinho estava sendo servido, a família em volta da mesa, e Carlos mostrou o boletim.

— Me desculpem, mas não consegui passar de ano.

Houve um silêncio sepulcral. O pai olhou o boletim, passou para a mãe. Os irmãos ficaram em silêncio. O pai, então, pigarreou e falou:

— Olha, você já está com 16 anos. Se não quer estudar, compreendo. Nem todo mundo precisa ser doutor para viver. Você sabe muito bem que não somos pobres, mas também não somos ricos. Não temos como dar a você um professor particular, e aula disso e daquilo até você decidir estudar!





— Mas, pai, eu...

— Espera eu terminar! — E Carlos sabia que era uma ordem. Esperou.

— Já sei que você vai dizer que não é vagabundo e vai dar um monte de desculpa. Deixe-me te dizer uma coisa, meu filho: não existe desculpa! Você quer milagre? Não é aqui que vai conseguir. O que existe é solução. Se quisesse passar de ano, teria passado. Você não tem nenhuma doença que te impeça de estudar! Você não tem nada que tome seu tempo. Se não estudou, é porque não quis. Ah, o professor não sabe ensinar? Ah, é? Então pegue o livro e estude, se não estiver entendendo, peça a algum aluno que passou de ano para te ajudar! Então, se foi reprovado, é porque não quis. Você vai começar a trabalhar amanhã mesmo!

72

Carlos até que gostou da ideia. Realmente trabalhar, ganhar dinheiro, poder namorar, pagar um lanche... Ora, colocar uma roupa bonita, quem sabe uma gravata? Ah... Iria arrumar muitas namoradas! Ah, isso sim. Mas a ideia do pai de trabalho não era exatamente o que ele queria.

— Amanhã mesmo falo com o Edvaldo, e você vai ser mecânico na oficina dele.

— Mecânico?

— Sim, mecânico. É um trabalho muito bom, nunca falta serviço, você é bom com as mãos, vai aprender rápido.

— Pai, pode esperar até semana que vem?

— Como assim?

— Não fale ainda não, deixa eu ver se eu arrumo outro serviço...

— Certo. Você tem, então, quatro dias para decidir.

E foi o combinado. No dia seguinte, Carlos saiu pelas ruas procurando emprego. A cidade era pequena, simples, não tinha muitas chances. Mas ele não queria ser mecânico. Iria ficar sujo de graxa,

cheirando a óleo de carro, as unhas sujas... Ele queria namorar, seria difícil namorar cheirando a graxa. Falou sobre isso com Oswaldo, seu melhor amigo.

— Bobagem! Todo mecânico tem namorada! Fazem o maior sucesso!

— Eu sei, é verdade, mas, sei lá... Não gostaria de estar de macacão sujo de graxa...

Bem, ele só tinha 16 anos...

— Olha, eu soube que a agência lá do Banco está procurando *office-boy*. Por que não tenta?

Era exatamente o que ele queria! Já se imaginou usando uma camisa branca, uma bela gravata, entregando papéis...

Antes mesmo do dia marcado para a decisão, avisou ao pai que tinha se inscrito para ser *office-boy*.

Eram três provas:

Datilografia, ele se saiu muito bem! Era rápido na máquina de escrever!

Conhecimentos gerais. Também se saiu muito bem. Gostava de assistir às notícias, ler jornais, estava afiado.

Redação. Também se saiu bem. Tinha um bom português, aliás, era a única nota azul no seu boletim. Gostava de ler, então, fez uma boa redação sobre "O futuro do Brasil".

No dia marcado para se apresentar no serviço, colocou sua melhor roupa, tomou banho, passou gumex no cabelo, engraxou os sapatos, foi o primeiro a chegar.

— Muito bem, Carlos, seja bem-vindo. Aqui está o seu macacão, o esfregão está lá. Lave o banheiro.

Ele tomou o maior susto! Sua primeira tarefa era lavar o banheiro.

E não era só isso: aos sábados, ele também fazia faxina na agência.

Certo. Se era isso, isso seria!

Começou a trabalhar. Como era muito falante, ágil e esforçado, desempenhou o serviço muito bem. Outras tarefas foram, aos poucos, sendo-lhe atribuídas. Uma das tarefas que ficava ao seu encargo era ajudar a conferir as fichas. Naquele tempo, não havia computador. Tudo era escrito à mão. Anotado direitinho. Sexta-feira, Otacílio, que era responsável pela listagem, o chamava e, juntos, faziam a conferência de nome por nome, data por data, horário por horário, quantia por quantia. Não podia sair nada errado.

Mas vai dizer isso para a vida? Eles podiam controlar as fichas, mas a vida...

74

Pois um vírus de gripe começou na China. Depois foi para Londres, foi para os EUA e chegou ao Brasil. O nome que ganhou foi o de “gripe asiática”. E chegou também àquela agência bancária. Todos os funcionários pegaram a gripe, menos dois, e um deles foi o Carlos.

Enquanto o colega atendia o público, Carlos fazia o que podia. Vendo que as listagens precisavam estar prontas e que Otacílio ainda se encontrava acamado, Carlos tomou para si a responsabilidade, sem nem mesmo consultar ninguém. Afinal, pensou, o serviço precisava ser feito. Passou o fim de semana na agência e, sozinho, fez toda a listagem e toda a conferência. É verdade que estragou um bocado de formulários, mas, na segunda-feira, quando o gerente voltou ao trabalho, encontrou tudo pronto. E conferiu. E estava certo.

Dali em diante, Carlos foi galgando posições na agência, passando por todas as funções. Como ainda era jovem e solteiro, enviavam-no para novas agências construídas pelo Brasil afora.

E Carlos viu que, então, não teria mais tempo de fazer uma faculdade, mas fez um curso de Contabilidade e tentou, sozinho, com muita leitura, tirar o atraso. E, naquele ano, de camisa branca e gravata, conheceu Marilda.

Marilda era professora, linda, linda! Carlos se apaixonou. Mas ele tinha de ir para Brasília, montar a agência de lá. Marilda sorriu, seus olhos brilharam com as lágrimas, e ela disse:

— Te espero.

Esperou mesmo, logo se casaram.

Carlos se lembrou de tudo, como um filme, quando se aposentava do Banco, na posição de vice-presidente. Que trajetória! Ganhou uma placa de prata. Foi uma bonita festa.

— Agora, meu amor, a gente vai poder construir nosso sonho, não é mesmo? Vamos morar na roça, ter uma fazendinha, umas vacas, galinhas... Como a gente sempre sonhou.

— Sim, agora eu tenho tempo, vamos, sim.

Carlos só tinha se esquecido de combinar esse plano com a tal vida...

— Carlos! Há quanto tempo!

— Oswaldo! Rapaz! Você está igualzinho! Que saudades!

Os dois amigos se abraçaram.

Sentaram-se em um café e colocaram a conversa em dia. Mostraram as fotos dos netos.

— Então, você vai virar fazendeiro?

— É o que eu sempre quis, lidar com a terra.

— Ah... Com a sua experiência... Olhe, eu sou gerente da cooperativa, a gente está precisando de alguém como você. A coisa lá é maravilhosa e pode melhorar ainda mais!

— Mas eu só trabalhei em Banco, não entendo nada de cooperativa.

E Oswaldo começou a falar.

— É o mundo ideal, rapaz. Veja, a gente não visa só ao lucro. Claro

que há o profissionalismo, tem que dar certo, mas o que importa é o povo, são as pessoas! Vá trabalhar com a gente! Passa lá, dá só uma olhada...

— Está bem, em nome da nossa amizade, amanhã eu passo lá, posso até fazer alguma coisa, mas só por quinze dias, depois eu quero ir para minha fazenda e...

Ele cumpriu a primeira parte do prometido: passou na agência. Mas não cumpriu a segunda, pois nunca mais saiu da cooperativa...

A primeira coisa que percebeu foi a necessidade de independência.

— Olha, Oswaldo, enquanto a gente depender de um Banco, não vamos pra frente. Os Bancos têm uma filosofia muito diferente da nossa.

## 76

Mesmo trabalhando em posições de muita responsabilidade, Carlos não abandonou o sonho da fazenda. Ele e Marilda passavam os fins de semana junto à terra. Algumas vezes, Marilda, que gostava demais de viver junto à natureza, permanecia na fazenda, enquanto ele voltava para seu trabalho na cooperativa na cidade, o que também o encantava.

Um dia, voltando para o Centro, viu uma senhora com um menino pela mão esperando condução. O Sol estava forte. Carlos parou o carro e ofereceu carona. Mãe e filho iam para o Centro, e o ônibus se atrasara, não contavam com o Sol tão forte.

Nas duas horas de caminho, conversaram.

— Ah! Eu sou costureira. Este é o meu filho, filho único, mesmo assim, é difícil. E o senhor?

— Já ouviu falar nas cooperativas?

Ela não conhecia, e Carlos contou tudo. Contou que trabalhava lá, e ela se interessou:

— Mas uma pessoa como eu, de vida difícil, pode ter conta lá?

— Claro que pode! E deve! O seu dinheiro vai ser aplicado só em coisas boas para a região. Vai para educação, saúde, melhorias no bairro, é uma beleza. E, ainda, na necessidade, há crédito.

E Carlos falou sobre como as sobras eram divididas entre os associados, falou sobre os projetos. Falou sobre as obras sociais, falou tudo com muito entusiasmo.

Enquanto ele contava sua trajetória, a mãe da criança dizia:

— Está vendo Rafael? Presta atenção!

— O senhor sempre trabalhou lá? — quis saber o menino.

— Não! Trabalhei primeiro em um Banco. Me aposentei como vice-presidente.

O garoto de dez anos ficou impressionado. Vice-presidente soava como rei, imperador, presidente do país.

77

— Como o senhor entrou no Banco? Foi concurso?

— Olhe, comecei como *office-boy*, meu primeiro serviço foi lavar o banheiro.

Os olhos do menino se abriram mais do que duas janelas:

— Lavou banheiro e virou vice-presidente? Uau!

Carlos riu:

— É, mas foi o banheiro mais bem lavado do mundo! Chamou atenção e agradou.

Deixou mãe e filho no centro, conforme queriam, e seguiu para o trabalho. Sua ideia de haver o Banco próprio para as cooperativas não o abandonava. Viajou, foi para todas as capitais, se reuniu com gerentes. Carlos moveu mundos e fundos, e um Banco específico foi fundado. Ele era incansável, queria sempre melhorar e conseguia. A fazenda? Sim, estava lá a fazenda. Não seguia de vento em popa, mas seguia, tudo funcionava.

Os netos gostavam de ir para lá nos fins de semana, levavam as namoradas, os namorados. E Carlos viu que, finalmente, era tempo de se aposentar. Já tinha mais de 80 anos, estava na hora de se acalmar, ver o Sol nascer, escrever um livro, quem sabe, já que, na realidade, nunca parara de estudar. Agora era ver as flores crescerem. Plantar mais árvores. Fazer carinho nos cães, segurar a gatinha no colo, dar a mão à sua amada Marilda.

E, mais uma vez, pegou o carro e seguiu para o Centro, mais devagar dessa vez, apreciando a paisagem. De repente, viu um rapaz pedindo carona. Parou. Seria bom ter um dedo de prosa com alguém diferente.

O rapaz entrou, tinha uma cara boa, saudável.

— Vai para onde?

— Para o Centro. Para o trabalho.

— Faz bem, trabalho que a gente gosta é muito importante. E você, gosta do que faz?

— E como! Eu sou engenheiro mecânico.

— E ainda prefere ir e vir de carona...

— Ah! Mas me formei há pouco e já vou comprar um carro. Simples, mas vai ser meu e vou cuidar bem dele. Eu me associei a uma cooperativa e me sinto muito bem amparado.

Carlos riu.

— Coincidência! Estou me aposentando agora, exatamente de serviços prestados para uma cooperativa! Sou um entusiasmado. Sabe, meu jovem, há uns 15 anos, neste mesmo lugar em que te dei carona, eu dei carona a uma dupla formidável de mãe e filho.

O rapaz abriu a boca, olhou bem para Carlos e disse:

— Péra lá, o senhor é o cara que lavou um banheiro tão bem, que

## A VIDA PEDE CARONA

foi o banheiro mais bem lavado do mundo?

— Sim, acho que sim...

— Pois eu sou aquele menino de dez anos para o qual o senhor deu carona! E eu nunca mais me esqueci disso! E quis, a partir daquele dia, fazer a minha vida diferente. Tudo o que era necessário fazer, fazer direito. E o senhor falou tanto sobre cooperativa, que minha mãe se associou, eu também, e a minha noiva também!

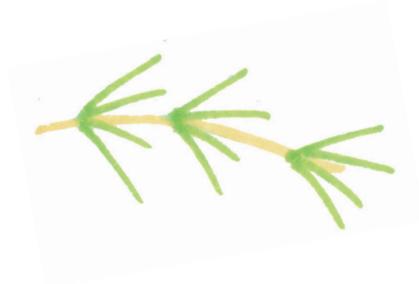
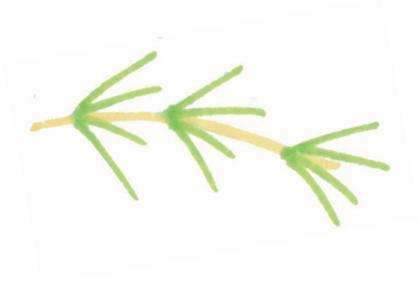
Pois é, com a idade, as pessoas se tornam emotivas. Carlos sentiu os olhos molhados. Olhou para o rapaz, os dele também estavam. Então, não é da idade? E o rapaz só disse:

— Muito obrigado!

80



**CHICA  
DOIDA**



**SEU** Oswaldo pegou o livrinho e leu:

— Dona Petronilha, em dia de festa, sentiu carência de *palha de milho* para fazer as pamonhas de que o povo tanto gostava. E o milho bom, macio, já estava todinho ralado, não dava para desperdiçar aquele ouro! Olhou para um lado, para outro, viu o que havia na cozinha. Pois tinha queijo, que lá não faltava, tinha linguiça e, mais que tudo, tinha criatividade.

Picotou os dentinhos de alho e colocou no milho. Esquentou a banha, derramou sobre o alho e ouviu o chiado. E o cheiro? “Delícia”, pensou. “Vai ficar bom demais”!

Provou.

Colocou uma colher de açúcar cristal para quebrar a acidez. Como é lindo o açúcar brilhando!

Provou.





Botou pimenta de bode com o caldinho da própria pimenta. Misturou. Provou. Hum... Faltava cebola. Picotou. Nada de ralar, pois fica molenga e aguada. Eita, que quase se esquece do sal! Agora, sim...

Verteu a massa na assadeira, e o marido entrou.

— A festa está boa, mas a pamonha está quase acabando!

— Aguarde que vai chegar coisa *melhor!*

— Essa mulher vale ouro! — falou ele, e voltou para ouvir a viola.

Com a massa no forno, dona Petronilha picou queijo de Minas, linguiça, e depois fritou. Que cheiro bom!

O marido voltou:

— Olhe, já comi três pamonhas, mas esse cheirinho de linguiça me chamou... O que é que você está aprontando, criatura?

— Aguarde... — disse, sem mais revelar, afinal, nem ela mesma sabia responder.

Era como se uma fadinha estivesse guiando sua imaginação. Depois de 20 minutos, dona Petronilha tirou a massa do forno, viu que uma parte já estava amarelinha e a outra, ainda estava branca. "Mais vinte minutinhos", pensou.

Agora, sim, hora de recheiar. Enfeitou com linguiça marronzinha, com queijo branco, jilozinho verde. Por cima, espalhou muçarela e dourou.

Ah! Começou a aparecer gente na cozinha, todo mundo queria saber que cheiro bom era aquele.

— Que comida boa é essa?

E foram pegando as cuias, colocando o creminho amarelo perfeito.

— Eita, que tem pimenta! — falou o marido. — O negócio é doido!

— Como é que se chama essa delícia?

## CHICA DOIDA

— É a “Chica doida”!

Quer fazer você também essa invenção boa? Pois eis as quantidades. Faça e me convide!

Chica doida

Ingredientes:

*25 espigas de milho verde*

*Meio quilo de linguiça de porco*

*200g de jiló fervido, sem amargo*

*Meio copo de banha de porco*

*8 dentes de alho*

*Uma colher de pimenta de bode*

*Sal a gosto*

*Uma colher de sopa de açúcar cristal*

*Um copo de água (depois mais um pouco)*

*Duas cebolas grandes*

Seu Oswaldo terminou de ler a primeira receita do livrinho. Levantou os olhos e viu os de dona Júnia, a diretora da cooperativa escolar, arregalados.

— Dona Júnia, a situação da escola é séria...

— Eu sei, seu Oswaldo, eu sei... O que devo fazer?

— Olhe, a coisa está feia, suas contas não estão fechando, suas dívidas, aumentando. Mas este livrinho é um tesouro!

— Ah! Que bom que o senhor gostou! Foi um trabalho escolar: as crianças escolheram as receitas da região, todas elas foram experimentadas na cozinha do colégio. Elas ficaram tão animadas! Primei-

ro, pesquisaram na família, depois a gente selecionou. Aproveitamos para dar noções de porcentagem, frações, nutrição e História!

Em grupos, os alunos escreveram receitas, cada grupo ficou responsável por uma das dez receitas. Elas mesmas ilustraram. E, sim, é claro que a publicação não saiu barata, mesmo com a gráfica fazendo um belo desconto. Cada pai comprou um ou dois livrinhos, mas não foi o suficiente para cobrir os gastos, e temos ainda tantos livros... O senhor sabe como é que funciona, quanto maior a tiragem, mais barato sai o exemplar. Em compensação, a gente fica com muitos livros em estoque.

Ela quase chorou. Não sabia mais o que fazer. Seu Oswaldo disse:

— Acalme-se, que vamos resolver isso.

86

Pensou um pouco e propôs:

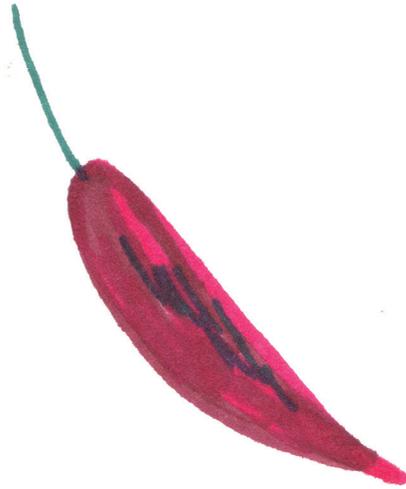
— Vamos fazer um festival gastronômico com as receitas, vender os livrinhos e convidar toda a cidade, tudo o que for vendido será usado para pagar as contas da escola.

E assim foi feito. O dono da mercearia doou os ingredientes, o marceneiro fez as barraquinhas, as mães de alguns alunos revezaram-se no caixa, as crianças foram para a cozinha. Deu certo, o festival gastronômico foi um sucesso, e a escola angariou muitos fundos.

Conseguiram negociar as dívidas, e dona Júnia quase não conseguia conter sua felicidade. Então ela teve a ideia de transformar o festival em uma festa anual, e já sabia quem eles iriam homenagear no ano seguinte: o seu Oswaldo.

E o homenageado, feliz com o festival, provou de tudo. *Comeu Chica doída*, galinhada, empadão, panelinha, arroz com pequi, guariroba....

**CHICA DOIDA**

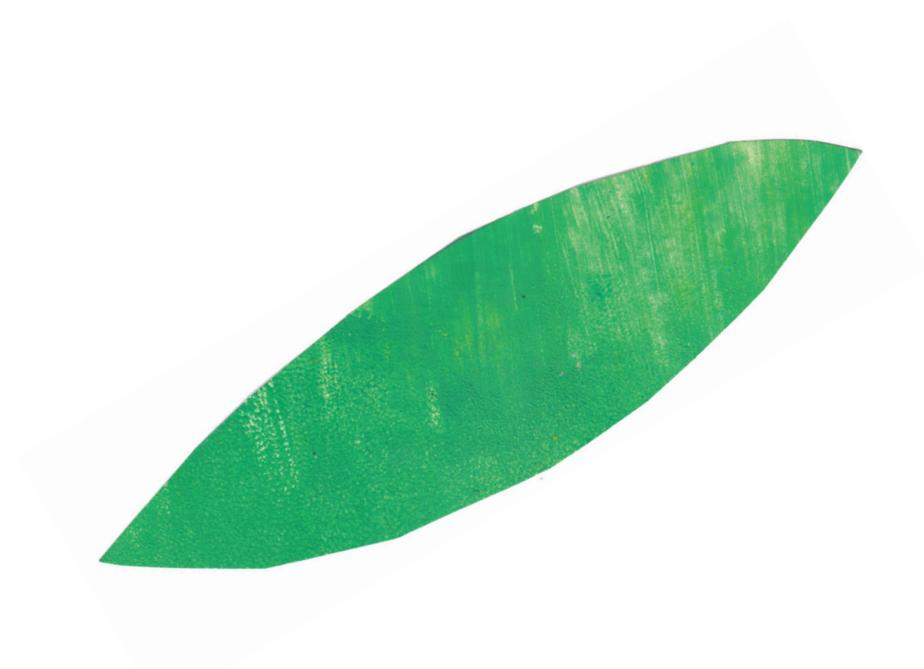


**87**

88



# CESTOS E TRAMAS



**MARINA** ouvia seu coração bater forte: mudar. O marido fora transferido para a ponta do país, e ela, apaixonada, pediu demissão de seu trabalho, que não era lá grande coisa, fez a mala e foi junto!

Era organizada, então logo a casa ficou arrumada. Era simples, arejada naquela região quente de duas estações conhecidas como molhada e seca, com rede na varanda, ventiladores e muitos passarinhos ao redor.

Marina olhou em volta, apreciando.

— Tudo em seu lugar!

Deitou-se na rede e ficou pensando: “Está tudo lindo, maravilhoso, mas... O que vou fazer da minha vida?”.

Levantou-se de um pulo, calçou os tênis e foi fazer um reconhecimento do local. Mal saiu pelo portão, já cumprimentou cinco pessoas. Em vinte minutos, estava no centro.

A cidade era bucólica, com as lojas identificadas por *ban-*





ners. A edificação que realmente chamava a atenção, além da igreja, era a da cooperativa de artesanato.

Aproximaram-se dela, perguntando se poderiam ajudar em alguma coisa, e ela aceitou.

Daquele dia em diante, a cooperativa passou a fazer parte de suas caminhadas. Tanto foi assim, que, em pouco tempo, disseram-lhe:

— Marina, estamos precisando de uma pessoa com o seu perfil para trabalhar aqui. Interessa a você?

É claro que interessava! O trabalho estava exatamente dentro de seus desejos e de sua capacidade. Mostraram o salão, o excelente espaço. Ela seria encarregada de toda a divulgação, a propaganda e, principalmente, das atividades sociais da cooperativa. Chegou em casa pulando de felicidade! Seu marido ficou mais feliz ainda. Assim, Marina começou a trabalhar. Deram-lhe carta branca.

A essa altura, já conhecia a cidade, tinha experimentado os restaurantes, a feira, já tinha feito amizades. Então ela teve uma ideia! Sentou-se ao computador e idealizou um projeto cultural bem amarradinho: uma grande feira! Deram-lhe carta branca. Marina arregaçou as mangas e começou a colocar em prática suas ideias.

Estava ela na praça, conversando com um famoso artesão local, quando viu um velho carro se aproximar. Lembrou-se de um filme antigo sobre um carro mágico que fazia muito barulho. O carro andava e só se ouvia clang, kleng, ting...

Na praça, um carro parou e Marina viu sair de dentro dele várias pessoas. Olhou interrogativa para o chefe, que era seu amigo.

— São os indígenas da aldeia próxima. Devem estar indo ao pronto-socorro. Quando um está doente e precisa de tratamento ou diagnóstico, em geral, um grupo grande vem acompanhando. Também quando precisam comprar alguma coisa, a família toda vem junto.

Marina olhou sorrindo para o grupo colorido. Vestiam-se iguais a todos da região, mas havia algo que os fazia ter mais cor. Ah! Sim! Os colares! Muitas miçangas vermelhas, brancas e tons terrosos. Marina também reparou que traziam cestos, lindos cestos trançados. O amigo explicou: eles trazem para vender. Os lojistas colocam em consignação ou compram e revendem.

Em casa, Marina começou a pensar que eles podiam fazer alguma ação envolvendo a aldeia vizinha. No dia seguinte, procurou a Casa do Índio e soube que naquela mesma semana alguns representantes estariam indo à aldeia ver os mais idosos.

— Posso ir? Eu gostaria de fazer uma ação com eles...

— Claro! Eles vão adorar.

O tempo era pouco, mas ela catou *banners* antigos e vários papéis e foi passar o dia na aldeia.

Realmente os indígenas adoraram a ideia! Como não havia mesas ou cadeiras, sob uma árvore ela espalhou os *banners* para forrar a terra e colocar por cima os papéis para desenho.

Um grupo de vinte pessoas, com crianças inclusive, se interessou pela ação. Fizeram tintas de terra, de frutos, usaram os pincéis e os papéis e, no final, Marina se viu com pelo menos 20 desenhos lindíssimos. “Esse trabalho artístico precisa ser exposto”, pensou. Então ela perguntou a eles se poderia levar os desenhos, explicou que ficariam em exposição, que poderiam até ser vendidos.

Mais uma vez sua capacidade de organização se fez valia. Marina colocou molduras naqueles trabalhos artísticos, e o salão ficou maravilhosamente tomado com as obras.

No dia marcado para a abertura da exposição, ela recebeu o recado de que um grupo da aldeia estaria presente. Rapidamente, arrumou um bom lanche para recebê-los. Logo que chegaram, os indígenas

disseram a ela que fariam uma apresentação em agradecimento à honra de terem sua arte prestigiada.

Marina, então, espalhou a novidade e conseguiu que muita gente saísse de seu trabalho para aplaudir a inesperada festa. Festa, sim, como foi bonito! Dançaram, explicaram os rituais, os instrumentos, as canções. Foram aplaudidíssimos! Depois, lancharam e voltaram para casa.

Uma semana depois, Marina voltou à aldeia, mas, dessa vez, levando o dinheiro das vendas das obras. Assim, aos poucos, ela conheceu melhor os artistas indígenas. Viu que cobravam pouco demais por suas pulseiras e colares. Ensinou-lhes os cálculos necessários para se estabelecer preço justo. Passou a ter uma lojinha no salão cultural, que oferecia as maravilhosas artes cujas cores combinavam com seus rostos, seus cabelos pretos, sua pele castanha, seus olhos brilhantes e lábios vermelhos.

O sucesso de vendas foi surpreendente. Marina pensou em outros produtos que podiam ser desenvolvidos com essa magnífica arte: cintos, sandálias, tamboretas... E as obras eram assinadas. Os criadores viam seus nomes registrados, sentiam-se protagonistas, orgulhosos, tendo sua arte valorizada.

**CESTOS E TRAMAS**



TE ENCONTRO EM QUAL MOMENTO?

96

**FORÇA**



**ADALBERTO** estava tão feliz, que nem sentia cansaço. Mais um dia de trabalho, enfim voltava para casa. A condução estava lotada de trabalhadores. Aqueles que conseguiam, olhavam em seus celulares. Adalberto, não, ele estava em pé, segurando o encosto do banco onde uma senhora, que estava ali sentada, parecia desfiar um rosário. Adalberto pensou: “Será a fé que a faz rezar dentro do ônibus ou estará necessitada de ajuda e, então, pede ao seu Deus?”.

Sentiu vontade de perguntar, mas não quis interromper as orações. Ele sabia muito bem o que era estar desesperado, sem ver saída pela frente, e, pior, nem mesmo se sentindo seguro em pedir ajuda a Deus, já que “Ele é que tinha permitido aquela situação”.

Sustentar a fé é muito difícil, mas naquele dia Adalberto apenas agradecia. Agradecia e sabia que, como humano, podia ter dúvidas. Duvidar era normal. E tudo se resolveria! Apesar de aquele ser seu primeiro dia de retorno ao



+ SAÚDE + PAZ + AMOR + FÉ

+ SAÚDE + PAZ + AMOR

FORÇA



trabalho e ele estar mais cansado do que o costume, ele estava feliz. A sensação é de que tinha sido protegido.

Há três meses, parecia estar tudo bem. Ele trabalhava em uma cooperativa, e houve uma comemoração: a primeira usina fotovoltaica fora inaugurada. Um investimento fantástico! Energia limpa!

Os projetos das usinas iam com toda força. A ideia era de que nosso país tropical seguisse as tendências mundiais de respeito à natureza, de barateamento de custos. Assim, as cooperativas do Estado se uniriam e todas passariam a produzir sua própria energia, gastariam muito menos, o que significa que haveria mais rendimento e proteção ao planeta.

Houve uma festa no trabalho. Era a sustentabilidade, a economia, e, para completar, todo o excedente energético seria doado para a Santa Casa! A Diretoria da Santa Casa, que lutava para pagar a conta da eletricidade, estava eufórica. Afinal, todo hospital precisa de energia confiável 24 horas por dia, sem descanso. São cirurgias, aparelhos, elevadores para transporte de doentes e macas, não se pode ficar sem energia. O hospital estaria a salvo!

Feliz com a festa, Adalberto chegou em casa e encontrou sua companheira preocupada:

— Alice não parou de tossir ainda, acho melhor levá-la para o hospital.

— Agora!

Rapidamente, Adalberto e Sonia colocaram a pequena Alice no carro e se dirigiram para o hospital. No caminho, Adalberto pensava em como era bom saber que haveria garantida provisão elétrica no hospital dali em diante.

No hospital, o diagnóstico não foi dos melhores, e Alice teria que ficar internada. O quadro de saúde de sua pequena filha de três anos era pior: Alice estava diagnosticada com uma doença fatal. O que começara com a aparência de uma simples gripe se transformara

## FORÇA

em um passaporte para outros planos. Uma gripe forte, um medicamento forte, um pulmão fraco. Combinação perigosa.

Ele não gostava nem de se lembrar, ainda estava frágil para isso, mas, por outro lado, que apoio tinha recebido!

Adalberto não ganhava mal, ele era assistente de atendimento, uma boa posição. Já tinha seu carro e casa própria, e só via alegria em sua frente! Uma linda mulher, professora da rede municipal, uma filha encantadora, que a cada dia enchia sua vida de perguntas e conclusões ímpares: "Pai, passarinho come flor? Pai, para onde o sol vai quando ele se esconde no morro? A casa dele é lá?".

E Adalberto se via vivendo em um lindo e diferente planeta. Até a primeira tosse. Dali em diante, o pior pesadelo de um pai ou de uma mãe: o médico dizendo: agora é rezar.

Revolta, esperança, choro. Ele não sabia que cabiam tantas lágrimas dentro dele, todas prontas para sair. Achava que ficaria sem lágrimas, pois era impossível haver tantas!

E as despesas começaram a aparecer. Alice precisou ser transferida para um hospital de outra cidade, que era mais bem equipado. E ele faria tudo para sua filha.

Adalberto não tinha cabeça, capacidade, vontade de trabalhar. Estava arrasado, emagrecia a olhos vistos. Sua mulher conseguiu uma licença do trabalho, e eles não saíam do pé da filhinha cuja doença já se espalhara para os rins e o fígado.

Dia após dia, seguiam firmes ao seu lado. Foram 22 dias com a pequenina, o casal tirando forças não se sabe de onde. Vinte e dois dias de internação, sendo dez na UTI.

Não se sabe de onde se tira forças?

Bem, mesmo tendo se distanciado do trabalho, o gerente do posto de atendimento no qual Adalberto trabalhava ia visitá-lo, prestar apoio. Dirigia 300 quilômetros para chegar até o hospital, mas ia até lá e dizia:

— A família coopera, estamos aqui!

Apesar do sofrimento, saber que havia outra família, seus próprios colegas rezando por ele, ajudou bastante.

Um dia, finalmente, Alice saiu da zona de perigo! No dia da boa notícia, veio também a conta: 200 salários. E, justamente naquele dia, quem chega para visitar Adalberto? O presidente da cooperativa, que diz:

— Estamos aqui para ajudar no que for preciso!

E então, ele, que estava há apenas um ano no novo emprego, recebeu um cartão lindo, que tocava música quando se abria. Dentro dele, as assinaturas de todos, todos os funcionários! Da profissional de serviços gerais ao presidente da cooperativa.

102

Era por isso que Adalberto estava tão feliz, ele se sentia amado, amparado. Sua filha ainda não tinha voltado para a creche, nem sua mulher voltara da licença. Mas eles estavam juntos, felizes.

Seu ponto estava próximo, era hora de saltar. Tirou um de seus cartões do bolso e se dirigiu para a idosa que acabara de guardar seu rosário.

— Está tudo bem, senhora?

A mulher voltou seus olhos úmidos para ele:

— Meu neto foi atropelado, coitado, na porta da escola! Não, não estou bem. Mas vou ficar, tenho fé.

Adalberto, então, entregou a ela seu cartão.

— Apareça na cooperativa. Quem sabe não podemos ajudar?

Sim, ela foi. A cooperativa emprestou uma cadeira de rodas para o menino, depois, muletas e já comprou uma bola de futebol para dar-lhe no Natal.



TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

10

104

**ANIVERSÁRIO  
DIFeRENTE**

**RAIMUNDA** ficou feliz em conseguir lugar sentado e ao lado de Cristina. Cristina era faxineira como ela, só que bem mais moça. Pois Raimunda completava 60 anos naquele dia!

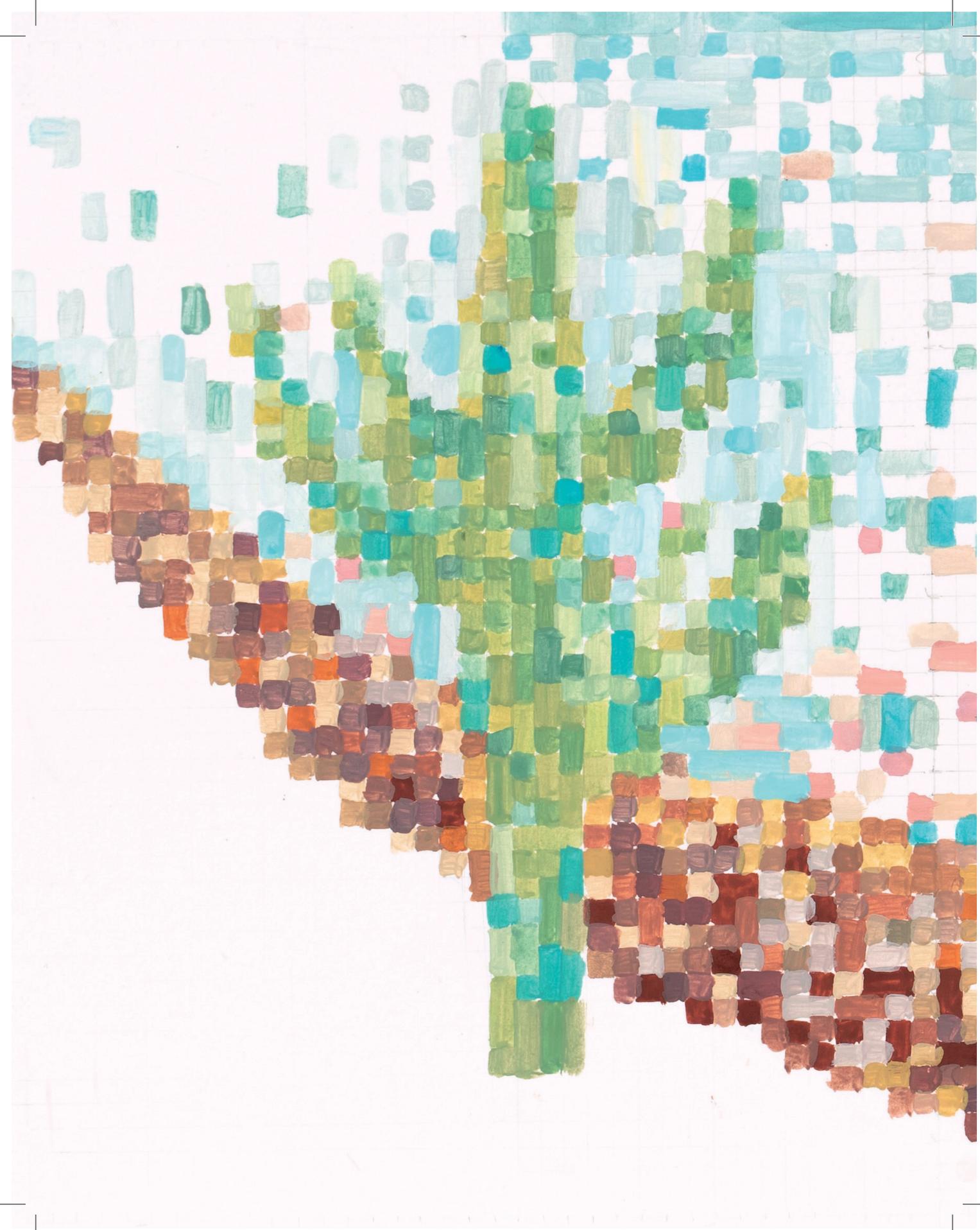
105

Quando se faz aniversário, um filminho da vida passa pela cabeça, não é mesmo? Raimunda se viu criança no sertão, no interior do Ceará. Viu quando seu pai partiu, quando ela mesma começou a trabalhar no que se chama casa de família. Tinha apenas dez anos.

Não, não se lembrava de nenhuma festa de aniversário, pois pegou menino cedo, mas ele não resistiu.

Lá no sertão, a vida não dava fruto para se fazer sustento. De carona em carona, chegou na cidade grande, primeiro, dormindo na casa de uns parentes, mas só dormindo. E pagando pela dormida. O dinheiro que conseguia fazendo uma faxina, uma bainha, era comida. Não estudou. Mas sabia assinar o nome: Raimunda Castro da Silva.

Aos poucos, foi aumentando a freguesia. E aos 60 anos





morava em sua própria casa, fazia costuras e ainda fazia faxina em casa de família.

Todo mundo dizia que ela era inteligente, que devia aprender a ler. Ah, mas agora estava velha para isso. Sabia costurar e sabia lavar uma cozinha como ninguém. Serviço não faltava. Mas não sabia ir para qualquer lugar na cidade, só conhecia alguns caminhos. As ruas a confundiam. Também não podia escrever ou ler mensagens no telefone. Podia, sim, ouvir, e sabia gravar sua voz também. A moça da loja ensinara.

Até bem pouco tempo, tudo o que ganhava tinha que ser em dinheiro. Enfiava no sutiã e ia para casa com medo de ser roubada. O caminho até seu bairro era longo, era comum haver assaltos nos ônibus.

— Cristina! Que bom te ver!

— Não, é, Raimunda? Bom mesmo. Assim a gente pode balangar os beijos até em casa!

— Verdade, e como está tudo?

— Está tudo ótimo! Hoje, então, melhor ainda. A patroa me pagou adiantado, vou poder comprar aquele tanquinho que está em oferta na loja do Malaquias. Não aguento mais lavar lençol na mão.

— Mas você não está com o dinheiro, está? Ela botou no pix, não foi?

— Que nada, está tudo aqui, como você me ensinou.

Dizendo isso, Cristina bateu no peito.

— Menina! — repreendeu Raimunda. — Não fale isso em voz alta, pelo amor de Deus! Aqui no ônibus tem muito ladrão!

— Vixe Maria! Vira a sua boca pra lá! Nem sei o que faria sem esse dinheiro...

— Pois é, se ladrão quiser me roubar, está ferrado. Só tenho dois reais na carteira. O pagamento todinho agora é feito por pix. Eu

agora tenho conta na cooperativa, sabia? Nossa, como a vida melhorou! Não preciso vir até aqui ao Centro para pegar a aposentadoria, é tudo lá na cooperativa! Então, nada de dinheiro na bolsa, aqui só o celular, mas se o ladrão quiser levar, vai ter prejuízo, já caiu três vezes no vaso!

As amigas riram.

— Toma jeito, mulher! Nessa idade, deixando o telefone cair, depois quebra e quero ver.

— É, tenho de tomar conta, mas, sabe como é, escorrega. Quando eu era jovem como você não escorregava!

Aí as duas amigas riram muito.

— Mas como é que você abriu conta, não é difícil?

— Deve ser, mas a Mariuza, que trabalha lá na agência, fez tudo pra mim.

— A Mariuza, filha da Marilene do Tião?

— Essa mesma. Ô menina inteligente! E lá eles fazem tudo para ajudar a gente de verdade, entendem o que a gente quer, porque os funcionários são do bairro! O gerente, que é o Carlinhos, filho da Eunice, me contou que a cooperativa fez questão de contratar gente do bairro.

— Bem, mas quem não é do bairro não iria querer trabalhar lá, não é? Nosso bairro é muito mal visto.

— E é um lugar tão bom, não acha? Minha casa tem uma vista linda! Eu me mudei, agora estou no lugar mais alto.

— Que ótimo!

— Tem que ver que belezinha de casa. Toda azulejada, novinha! Reparou que parei de tossir? Lá o sol entra, não tem mais aquele mofo da antiga casa.

— Graças a Deus! Aquele lugar era muito úmido mesmo. Mas explica melhor essa coisa de abrir conta.

— Eu entrei lá assim, de curiosidade, imagine, que era um dia de calor daqueles, e a agência estava novinha...

— Eu me lembro da construção, passava lá todos os dias. Ver obra é uma coisa bonita.

— Ah, eu entrei. Se fosse no centro, eu não teria coragem, mas ali no bairro... E, quando entrei, parecia o paraíso! Tudo elegante, bonito, e com um ar-condicionado funcionando, delicioso! Sentei-me numa cadeira macia e descansei um pouco. Aí a Mariuza me viu. Me ofereceu um cafezinho, perguntou como eu estava, e pronto: me convenceu a abrir uma conta! Disse que ia me ajudar em tudo! E foi o que ela fez. Agora, Cristina, as patroas pagam tudo no pix, que vai pra minha conta e, no final do ano, ainda rende! Tudo fácil, e tenho cartão, com ele posso pagar as coisas. Por isso é que digo, ladrão aqui comigo não tem o que roubar, só se quiser roubar esse gigolete que ganhei de aniversário.

Raimunda apontou para a cabeça.

— É muito lindo! E quando foi seu aniversário?

— É hoje! Faço 60 anos.

— Temos que comemorar! Ah, quando a gente saltar faço questão de comprar um bolo para você. Não vou dar só um gigolete, não!

— Minha patroa também depositou uma diária extra no pix, uma ajuda boa para a mensalidade do financiamento. Menina, a chegada dessa agência no bairro fez muita diferença! A gente se sente bem-vindo lá, a gente sabe que também é dono da cooperativa, que a gente faz parte. Eu chego lá, todo mundo sabe meu nome, pergunta como estou. É como se fosse uma parte da minha casa, só que mais chique. Você vê, a associação dos moradores já tinha pedido várias vezes para os bancos abrirem agência no bairro. Ne-

## ANIVERSÁRIO DIFERENTE

nhum queria. Era só aquela lotérica pra gente pagar a conta de luz, uma fila sem tamanho! Ah, agora não. Agora é tudo fácil. Acredita que, um dia, cheguei na agência e vi um casalzinho namorando lá dentro? Pois é, entraram para pegar um fresco, que nem eu fiz na primeira vez que fui conhecer, e ficaram lá, olhando olho no olho, mão dada... uma belezinha!

— E o segurança não expulsou?

— Que nada! Todo mundo é amigo.

Mal falou isso, um rapaz que estava atrás delas se levantou com um revólver na mão:

— Calma, minha gente! Vão passando o dinheiro e os telefones pra cá. Se tiver cordão de ouro também, mas só de ouro. Você aí, lourinha, vai metendo a mão no sutiã que sei que tem dinheiro aí.

Cristina chorava e, tremendo, tirou do sutiã o dinheiro da semana. Adeus, tanquinho!

Raimunda abriu a bolsa e entregou o telefone para o rapaz.

— O seu, eu não quero, não. Já caiu no vaso três vezes.

Raimunda ficou sem o bolo, mas Cristina conseguiu comprar seu sonhado tanquinho com o financiamento que conseguiu depois que abriu uma conta na cooperativa. E o telefone de Raimunda continua funcionando.

TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

112



**EU VOS DECLARO**

— **PAI**, eu e Marcão marcamos a data do casamento.

— E não me consultaram?

— Ora, pai, quem vai se casar é a gente, né? O senhor sabe que a gente vai se casar, consultar pra quê? A gente se casa em junho e pronto!

Evair ficou sério, saiu da sala e bateu a porta. Filomena, sua mulher, virou-se para a filha e tentou conciliação:

— Calma, Beatriz, seu pai está apenas em choque, daqui a pouco ele se acalma e vem falar com você.

— Mas, mãe, por que ele ficou tão magoado? Para quê ele precisa ser consultado sobre a data do MEU casamento?

A mãe suspirou.

— Filha, o sonho do seu pai é dar uma festa de arromba no seu casamento! Uma festa farta, bonita.

— Mas nós não precisamos...





— Eu sei que vocês não ligam pra isso, mas lembre-se de que todo mundo precisa de uma vez na vida ter um dia de princesa, e seu pai quer fazer parte desse dia.

Beatriz pensou um pouco e disse:

— Certo, vou falar com ele.

A porta do quarto dos pais estava fechada. Beatriz bateu com os nós dos dedos:

— Pai, abre, quero falar com o senhor.

— Não está trancada — disse o pai como quem fala não só sobre a porta, mas também sobre seu próprio coração.

Beatriz girou a maçaneta. Encontrou o pai estirado na cama, com o jornal aberto a sua frente, como quem está entretido lendo notícias. Beatriz riu, porque viu que ele estava com o caderno feminino aberto.

— Está gostando agora de moda, pai?

Ele disfarçou. Fechou o jornal e os braços.

— Pai, me desculpa. Eu achei que podia marcar sem te consultar antes, achei que o senhor não estaria interessado.

A carranca do pai se desmanchou:

— Como não vou estar interessado, filha? Eu cortei o cordão umbilical quando você nasceu. Eu fiz questão de te ver entrar no colégio pela primeira vez, você pode não se lembrar, mas eu preparava sua lancheira.

— Não era a mamãe, não?

— De vez em quando ela preparava também, mas isso estava nas minhas atribuições de pai. E Beatriz sorriu.

— Era o senhor que escrevia os bilhetinhos?

Evair estendeu a mão para a filha.

— Lembrou agora? Então, você é minha filha, não é fácil para um pai ver a filha deixar a casa, começar sua própria vida, deixar de ser sua filha para ser esposa, mãe... Ora, eu quero entrar de braços dados com você na igreja!

— Mas o senhor vai fazer isso, pai! Eu quero que o senhor esteja bonito e orgulhoso ao meu lado, sim. O fato de eu ter marcado a data não interfere nisso.

O pai deu um beijo na mão da filha. Estavam reconciliados, ela deixou o quarto. A mãe entrou.

— Eu sabia que ficariam bem...

— É, mas ela não sabe que nesse momento a gente está com o dinheiro curto demais. Como dar uma festa? Um vestido bonito?

— Não se preocupe, os jovens de hoje não ligam para isso.

— Mas eu ligo, ué! Filha minha vai entrar com vestido brilhante, maquiada, com tudo o que uma noiva tem direito. Vai ter uma festa como está na moda, com essas sandálias com nome pra todo mundo dançar, com decoração, brinde, comida boa e farta. Ah, vai sim... Vou dar um jeito.

Eles se abraçaram. Evair disse:

— Minha querida, lembra quando a gente se conheceu?

— Claro que sim, Evair, e lá ia esquecer de um dia desses?

— Foi na domingueira do clube, lembra? Estava tocando *Close to you*. E eu te tirei para dançar.

— É a nossa música...

No dia seguinte, Evair mal acordou e já se preparou para ir até a cooperativa do bairro ver o que conseguiria.

— Não acredito! — exclamou a gerente. — O tempo passa, não é mesmo?

— Se é! Lembro quando eu a trouxe aqui pela mão para ser uma associada, e ela depositava a mesadinha todo mês. Quando queria uma boneca, um vestido, pedia para vir, tirava o dinheirinho, toda orgulhosa. Eu quero dar uma festa, uma festa daquelas. Preciso de um empréstimo.

— Vamos fazer o seguinte, Seu Evair, o senhor sabe que suas finanças sofreram um baque no ano passado.

— Pois é, mas estou recuperando.

— Verdade. Faz o seguinte: o senhor levanta aí a quantia que vai precisar para essa festa, depois volta aqui, e a gente conversa.

118

Evair voltou para casa encafifado. Não tinha a mínima ideia de quanto iria precisar. Não deu nem para descansar depois do almoço, voltou à cooperativa.

Eloisa largou o que estava fazendo para atender ao chamado do tio. Entendeu o que ele queria e disse:

— Vou te passar a lista de tudo, tio.

Evair ficou eufórico.

— Tudo isso por doces? Meu Deus! E *champagne*? Aff! Mas quanto custa um vestido bom, bom mesmo, desses todos brilhando? Tudo isso?

Eloisa mostrava as fotos do seu casamento, o preço das fotos, do álbum, do aluguel do salão, dos salgadinhos ...

— Eu quero que seja jantar. E camarão!

— Aí o senhor vai ver com o bufê!

Na verdade, Evair tinha levado a filha para escolher o salão de festas, perguntou por alto o que ela gostaria, mas ela não tinha a me-

nor ideia do que ele estava preparando.

— Pai, não se preocupe. A única coisa que eu quero é estar linda. Só o vestido já está bom demais! E o maquiador, claro.

— Você já é linda, podia se casar de camisola que estaria linda, minha filha. Mas escolha o vestido como você gosta!

Finalmente o grande dia chegou. Beatriz teve um dia no spa, um dia de noiva dado por um dos padrinhos. Ela tinha feito as unhas, o cabelo...

— Toma, filha: casa com essa pulseira, eu me casei com ela e, como dizem, tem que ter algo novo, que já é o vestido, algo velho, que é essa pulseira, algo emprestado, que a pulseira também é emprestada, e algo azul.

— Vou usar uma fita azul, vai ver só.

Evair não era um homem bonito, mas, naquele dia, ele estava mais bonito até que noivo! Além de ter feito a barba, tirado o bigode, de envergar um terno muito bem cortado feito por alfaiate, ele vestia a coisa mais bonita que alguém pode usar: um sorriso de orelha a orelha.

Beatriz e Evair entram na igreja ao som de uma linda melodia de Bach. Na hora de entregar a mão da filha para o noivo, Evair sentiu as lágrimas nos olhos e sussurrou no ouvido do futuro genro:

— Cuida bem dela, é o meu tesouro.

O casamento se deu sem incidentes, quer dizer, a daminha de honra se cansou de ficar em pé ao lado da noiva, deu uma corrida pela igreja chamando "Mamãe! Mamadeira!", e até o celebrante riu.

Quando Beatriz entrou no salão de festas, ela ficou estática, de boca aberta. O pai e a mãe gritaram: "surpresa!". Era o salão mais bem decorado que ela podia imaginar! E os garçons começaram a servir salgadinhos, bebidas, e a música começou a tocar. O pai

## TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

havia contratado uma banda excelente, escolha da Eloisa da cooperativa, que também foi convidada.

Lá pelas tantas da noite, Beatriz teve uma ideia. Cochichou alguma coisa com os componentes da banda. Eles balançaram a cabeça.

As notas de *Close to you* começam a ecoar. A *crooner* cantou: *why do birds suddenly appear...*

Beatriz dançou com Marcão, agora seu marido e, quando olhou para o lado, viu o pai e a mãe dançando de rostinhos colados. Como se fosse a primeira vez.





EM QUAL CONTO?

122

# DO BANCO ESCOLAR À CADEIRA GIRATÓRIA



## — TCHAU, mãe. Tô indo.

123

— Mas eu preciso da sua ajuda, Mariinha!

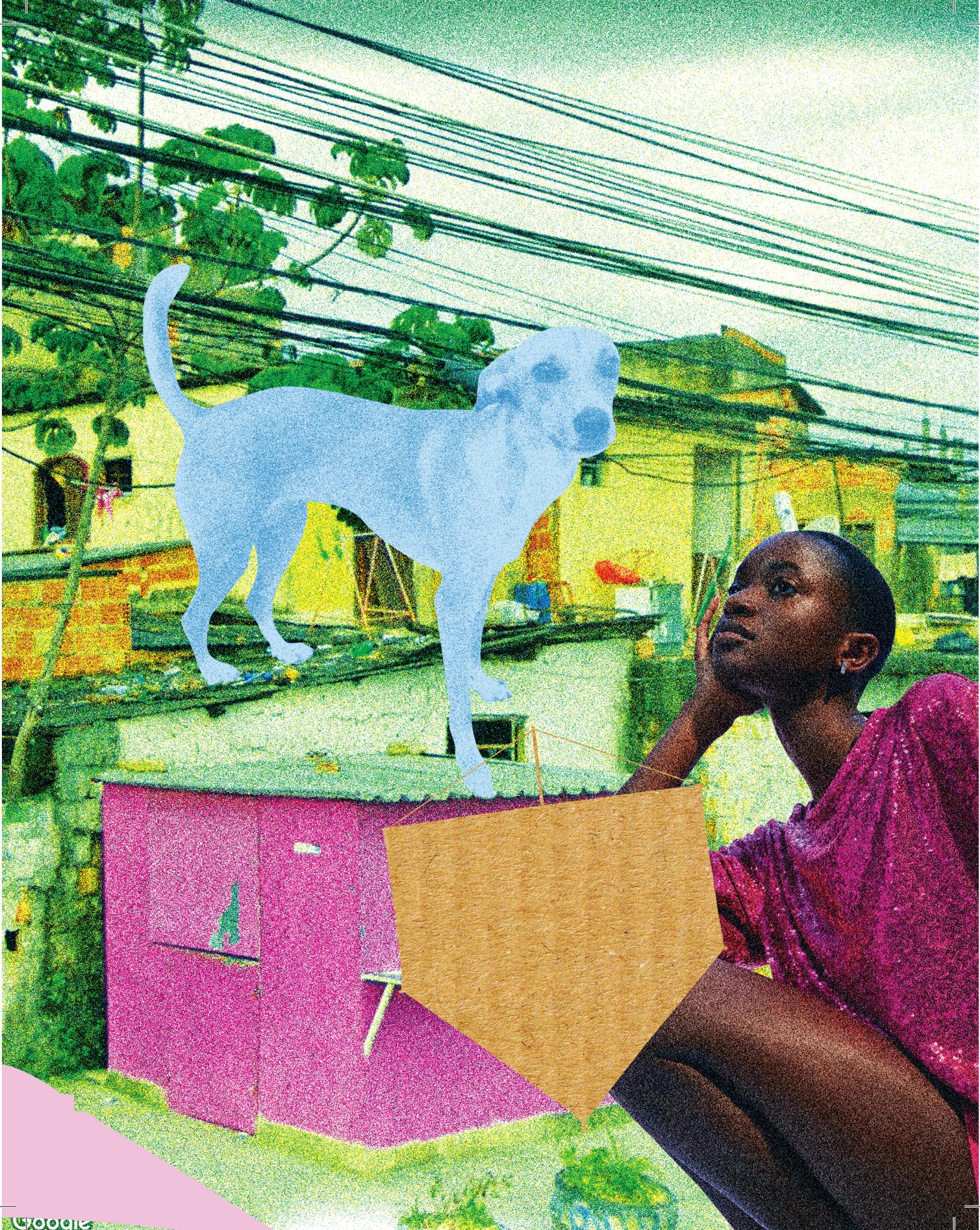
— Mãe, eu não vou faltar à aula, não adianta!

— Mas, menina, não tô dizendo pra você faltar sempre, só hoje, tenho costuras para entregar, preciso de você.

— Quando eu voltar, eu prometo que ajudo, mãe, deixa eu ir, já estou atrasada.

Mariinha, como era chamada pela mãe e amigos próximos, correu pelos degraus abaixo da longa escadaria de seu bairro, passando por latas de lixo abertas, cães amarrados com cordas, latindo, vizinhos subindo carregados de pacotes. No seu uniforme escolar bem lavado, já com o escudo da escola um pouco desbotado, Mariinha corria para não se atrasar. Sua mochila estava com a alça precisando de uma costura mais forte, mas ainda servia para levar seus cadernos e os livros do dia. E era cheia de lantejoulas cor-de-rosa, presente de Natal da madrinha.





Mariinha se esforçava para aprender. Nunca tinha repetido ano, fazia o melhor que podia. Não era fácil fazer os deveres e estudar em casa. Seu bairro era muito barulhento. As paredes finas deixavam passar as músicas, as brigas, os gritos. Fim de semana à noite, começava o baile e, durante o dia, a igreja cantava. Chegando drogas, havia morteiros. E os helicópteros sobrevoavam. E se a polícia subia, tinha de se esconder. Claro que esse tumulto não era diário, havia épocas de trégua, mas nunca de silêncio.

E ela estudava. Apesar de gostar de seus vizinhos, dos amigos, a casa era pequena demais para a numerosa família, então Mariinha sonhava em um dia ir para um lugar mais sossegado, onde a chuva não ameaçasse nem houvesse deslizamentos.

Era a mais velha dos irmãos, sempre tinha olhado por eles, daí ter faltado muito as aulas, por isso tentava estar presente.

126

Subiu no ônibus, colocando a mochila na frente do corpo, e conseguiu chegar à escola com o portão ainda aberto.

Toca o sinal, e Mariinha entra em sala. Conversas com os amigos, trocas de novidades, a inspetora entra exigindo SILÊNCIO!

Há risadas. As carteiras são arrastadas, os celulares estão sendo usados, fones de ouvido divididos entre duas colegas. A inspetora insiste: EUDISSE SILÊNCIO!

Dessa vez, ela consegue.

— Temos hoje uma visita. Quero vocês em silêncio caminhando tranquilamente para o auditório, fila por fila.

As cadeiras e as mesas voltaram a ser arrastadas, o burburinho aumentou, e em grande agitação todos se dirigem para o auditório.

Demorou até que todas as turmas do Ensino Médio ocupassem as cadeiras. A diretora, com o microfone na mão, anuncia a visita.

— Apresento a vocês dona Paulina. Ela é a diretora da Sociedade

dos Melhores Alunos. Ela tem um convite a fazer.

Uma senhora muito elegante recebe o microfone e começa a falar sobre a Sociedade que preside. Essa sociedade seleciona alunos de todas as escolas públicas de uma região, apenas os mais estudiosos, mais aplicados. Não há limite. Pode ser que um único aluno seja escolhido. Ou dez, ou vinte. Todos os que passam na prova são admitidos para a sociedade, se quiserem. Além de cursos, de material escolar e livros, esses alunos são encaminhados para estágios profissionais onde aprendem e são pagos por isso.

O silêncio que ela tinha conseguido, agora é rompido com exclamações e conversas.

— Hoje, quem quiser, poderá se candidatar para fazer o teste, que será realizado aqui mesmo, na hora do recreio.

A folha vai sendo passada entre as filas, e Mariinha assina seu nome e o número de sua turma com esperança.

No recreio, lá está ela, pronta para participar da testagem. Recebe um papel. O teste é simples, umas contas fáceis, mas engenhosas e uma pequena redação.

Mariinha chega em casa contando a novidade, mas, em vez de entusiasmo, sua mãe comenta:

— Essa gente fica fazendo caridade, estágio... Sei bem... Vão é te explorar! Eu digo, estudar não dá futuro. Quem é que ganha dinheiro? É doutor? Não é quem rebola na televisão ou quem joga bola! Se a gente quer se manter, tem é que trabalhar duro, sem cair doente. Aqui em casa nunca faltou comida e eu mal assino o meu nome, não é? Para de sonhar! Tenho orgulho de você tirar boas notas, não pense que não tenho, mas não quero que encha sua cabecinha com ilusão. A vida é difícil!

Mariinha ficou quieta. Não iria responder à mãe e, por outro lado, sabia que essa era uma vivência que era comum ao pessoal do bairro.

No dia seguinte, a diretora avisou que ela tinha passado no teste e lhe deu um cartão.

— Estão te esperando às três horas da tarde.

Ainda bem que havia almoço na escola, e naquele dia era macarrão com salsicha, coisa que Mariinha adorava. Escovou os dentes e pegou o ônibus que a levaria para o local de encontro.

Saltou na porta e quase não acreditou no que viu. Era um prédio moderno, elegante, com porteiros de terno e catraca para entrar. Mostrou sua carteira de estudante, foi fotografada, ganhou um crachá.

Apesar de estar um pouco constrangida pela pompa do lugar, não foi nada disso que encontrou na sala.

— Entra! Que prazer! Maria Estela, certo? — perguntou a moça que tinha estado na véspera em sua escola.

— Pode me chamar de Mariinha.

— Mariinha então você será!

Dona Paulina acompanhou-a pelo escritório, mostrou as salas de aulas, os computadores e explicou:

— Você, inicialmente, participará de uns cursos, mas já receberá um auxílio para isso, e depois será encaminhada para um estágio, tudo bem?

Para ela estava tudo ótimo. Ela já tinha pesquisado na Internet tudo sobre essa associação e estava ciente das obras que eram realizadas.

E assim se passaram três meses: saía da escola, ia para o escritório, fazia os deveres na biblioteca e tinha duas horas de aula.

— Então? Está pronta para o estágio?

Mariinha fez que sim com a cabeça.

— Então, leia isso — falou Dona Paulina com um sorriso. — Qualquer dúvida me pergunte. Dizendo isso, entregou à Mariinha alguns folhetos e um pequeno livro no qual se lia: COOPERATIVAS: seus caminhos.

Ela começou a ler. Nem viu o tempo passar. O vigia foi quem a chamou:

— Vai dormir hoje aqui no escritório, Mariinha?

— Nossa! Já está tarde!

No celular, dez ligações de sua mãe. Retornou e gravou um recado:

— Desculpa, mãe, eu tirei o som e me esqueci de colocar de volta. Está tudo bem, já estou indo pra casa.

Nem conseguiu dormir direito. O que tinha lido fazia tanto sentido! Será que seu estágio seria numa cooperativa? De que tipo?

— Sim, Mariinha, você vai estagiar na Cooperativa Turismo e Lazer. Eles oferecem serviços de entretenimento, esportes, artes, eventos, hotelaria, viagens e lazer. Temos um convênio com eles que nos dá muitas alegrias. Eles estão te esperando.

— Obrigada, dona Paulina!

— Não tem de que agradecer. Este é nosso serviço. Encaminhar quem quer um mundo melhor, quem gosta de aprender.

No dia marcado, Mariinha se apresentou para o estágio.

— Seja bem-vinda! Esta é a sua mesa. Deixa-me te apresentar ao grupo — falou a chefe do setor.

Nem preciso dizer que Mariinha gostou demais do novo estilo de vida. Nem mais reclamava das escadas que tinha de subir para chegar em casa. E, ainda, três meses depois, foi efetivada! Para completar, passou na faculdade, e a própria cooperativa pagou parte das mensalidades!

Desde então, dez anos se passaram. Mariinha agora mora em outro bairro. Seus irmãos cresceram, já não precisam de sua atenção. Sua mãe não quis sair da antiga casa.

— Estou velha pra mudar, me acostumei. Gosto da minha vida aqui. Tenho minhas amigas, minha igreja. Eu sei, eu sei que as escadas matam as minhas varizes, mas este novo prefeito prometeu colocar um teleférico. Quem sabe?

Mariinha abraçou a mãe, mas foi acolhendo os irmãos, ajudando de outra forma.

Viajou pelo país representando a cooperativa, dando palestras e está prestes a terminar seu mestrado.

— Dona Mariinha? — perguntou sua secretária, interrompendo seus pensamentos. — Tem uma visita para a senhora, pode receber?

Mariinha girou sua cadeira alta e falou:

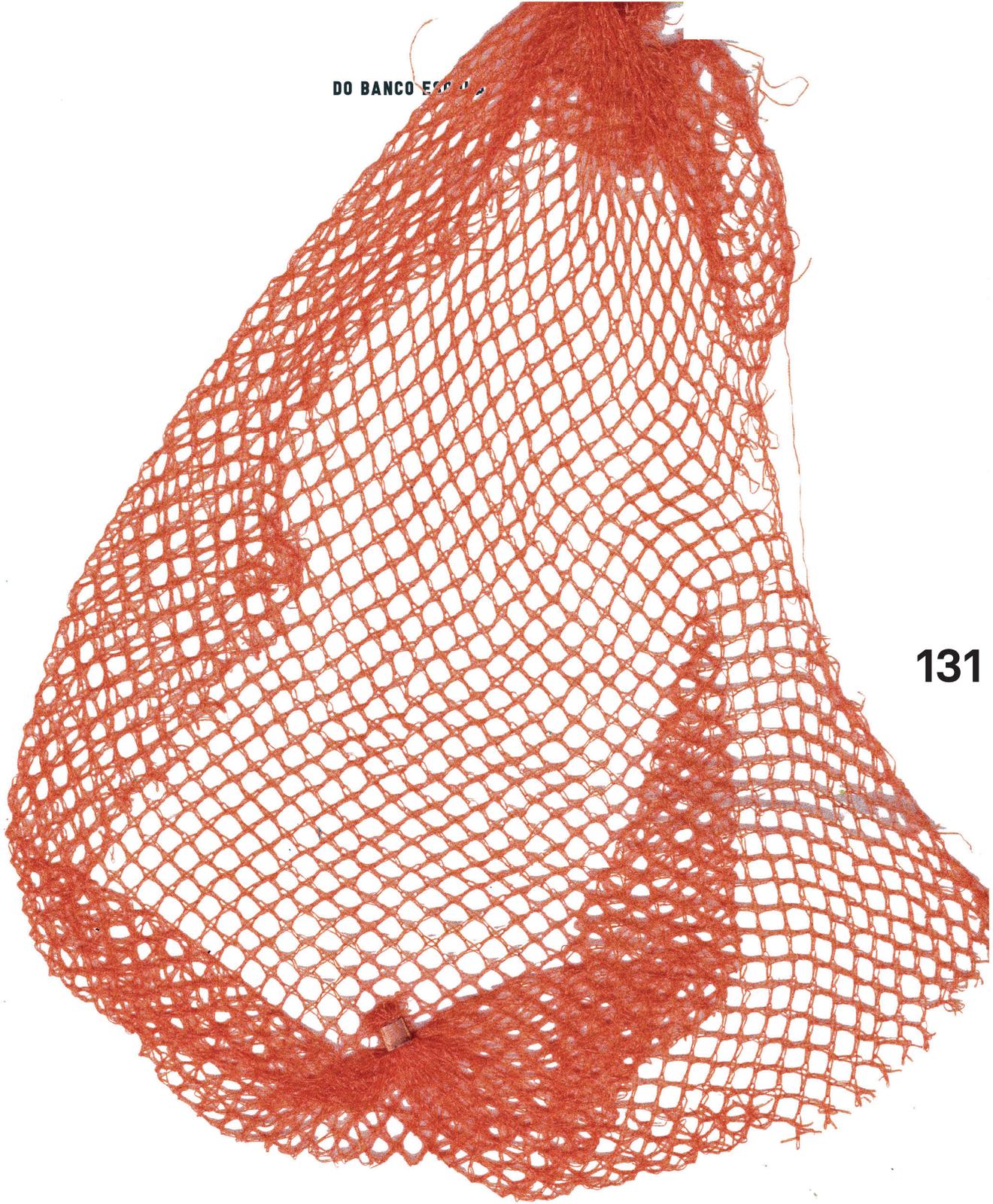
— Posso, claro, mande entrar.

— Como vai, minha querida?

— Dona Paulina! Que alegria!

E as duas mulheres se abraçaram.

DO BANCO EST...



131

TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?

132



**MÃOS NA MASSA**

— **VÓ!** Vó! Cadê você?

133

— Estou aqui, menina! Não precisa gritar! Que bom que você veio! Venha, venha me dar um beijo. Estava com saudades...

— Ora, vó, a gente se viu ontem!

— E daí? Já faz muito tempo. Venha, vou preparar um chocolate pra você.

— Oba! Adoro chocolate. Tem biscoito?

— Tem, claro.

A avó pegou a lata de biscoitos e a colocou sobre a mesa, que estava coberta com uma bela toalha xadrez vermelha. A menina abre a lata com pressa, mas se decepciona.

— Ah... São de pacote... Vó, a senhora não tem aquele biscoito feito em casa, amanteigado?

— Ah... Não tenho não. Sabe, morando sozinha já não tenho vontade de preparar os biscoitos.





— Puxa, que pena... — falou a neta, mordiscando o biscoito. —Vó, eu tenho uma novidade pra te contar!

— Não fala de boca cheia...

Glorinha tomou um gole do chocolate e continuou:

— Lá na escola vai ter agora uma coisa muito, mas muito bacana! Adivinha o que é?

— Hum... Um balanço?

Glorinha balançou a cabeça negativamente.

— Isso já tem.

— Roda gigante?

— Não, vó, uma coisa que não é aula, mas a gente aprende; não é arte, mas a gente faz arte; não é Banco, mas a gente guarda dinheiro, não é...

— Não sei, não entendo dessas modernidades.

Glorinha riu.

— Que modernidade! É uma coisa que existe desde mil oitocentos e sei lá quanto: uma cooperativa!

— Cooperativa?

— É, uma cooperativa escolar. Ah, mas a novidade maior não é essa: eu vou me candidatar a ser a presidente da cooperativa!

— Hum... Que bonito, mas o que a presidente faz?

— Ela organiza as coisas, ué! Mas não é tanto trabalho, porque a cooperativa é democrática, é de todos, e todos ajudam. Vai ter eleição, já estou preparando a minha campanha! Quero que a senhora esteja lá no dia da eleição, eu vou fazer um discurso, aí vai haver uma votação...

E chegou o fim do ano, e uma reunião de responsáveis. Um dos pais pediu a palavra e falou:

— Caros professores, caros pais e mães. Vejo meu filho chegar em casa tão entusiasmado com a cooperativa, e agora, então, ele quer fazer cartões, papéis e, além de tudo, como ele está diferente, e para melhor! Está até tirando a mesa do jantar e lavando a louça! E isso me fez também participar dessa tarefa doméstica, que eu mesmo quase nunca participava. Agora estamos mais unidos e calmos. Bem, acho tudo isso tão bom, que gostaria de fazer algo em troca: construir uma sede boa para a cooperativa escolar. A deles está tão caidinha...

Houve um burburinho imediato. Vários outros familiares também quiseram participar. E, então, foram eles que colocaram a mão na massa. Cederam horário de trabalho, o material de construção e construíram uma sede ampla, arejada. Alguns negociantes foram contagiados com o clima de harmonia da escola, cederam mobiliário, um forno, material hidráulico.

Agora, só faltava a fachada: de que cor pintar? O favo de mel se exibiu soberano sobre a porta, mas de que cor deveriam ser as paredes? O pai que iniciou o movimento, mais uma vez, pediu a palavra:

— Colegas, acho que tudo começou quando meu filho disse que iria fazer biscoitos e que colocaria, pela primeira vez, as mãos na massa da farinha. Pensei em deixarmos registradas aqui, nessa massa corrida, as mãos destas crianças, desta primeira turminha que construiu a cooperativa. Acho que ficará bonito!

A ideia foi aprovada. As crianças desenharam o contorno de suas mãos nos papéis que, depois de recortados, foram colados nas paredes, e a massa corrida foi passada sobre tudo. E as mãos foram pintadas de branco. Então, eles pintaram as paredes da cor do mel, retiraram as formas de papel, e lá estavam: as mãos das vinte primeiras crianças que formaram a cooperativa escolar.

Era dia de Natal. Glorinha, com seu cabelo bem preso, em um rabo de cavalo com uma fita vermelha, toda vestida de vermelho e verde, adentrou a casa da avó, onde o Natal seria comemorado.

— Feliz Natal, vovó! Este é o meu presente para você!

— Que caixa bonita!

— Fui eu que fiz a caixa e o cartão também.

— Coloque na árvore junto com os demais presentes.

— Não, vó, este eu quero que a senhora abra agora. Tem outro para a hora da troca de presentes da árvore.

Primeiro a avó abriu o cartão e leu:

**138**

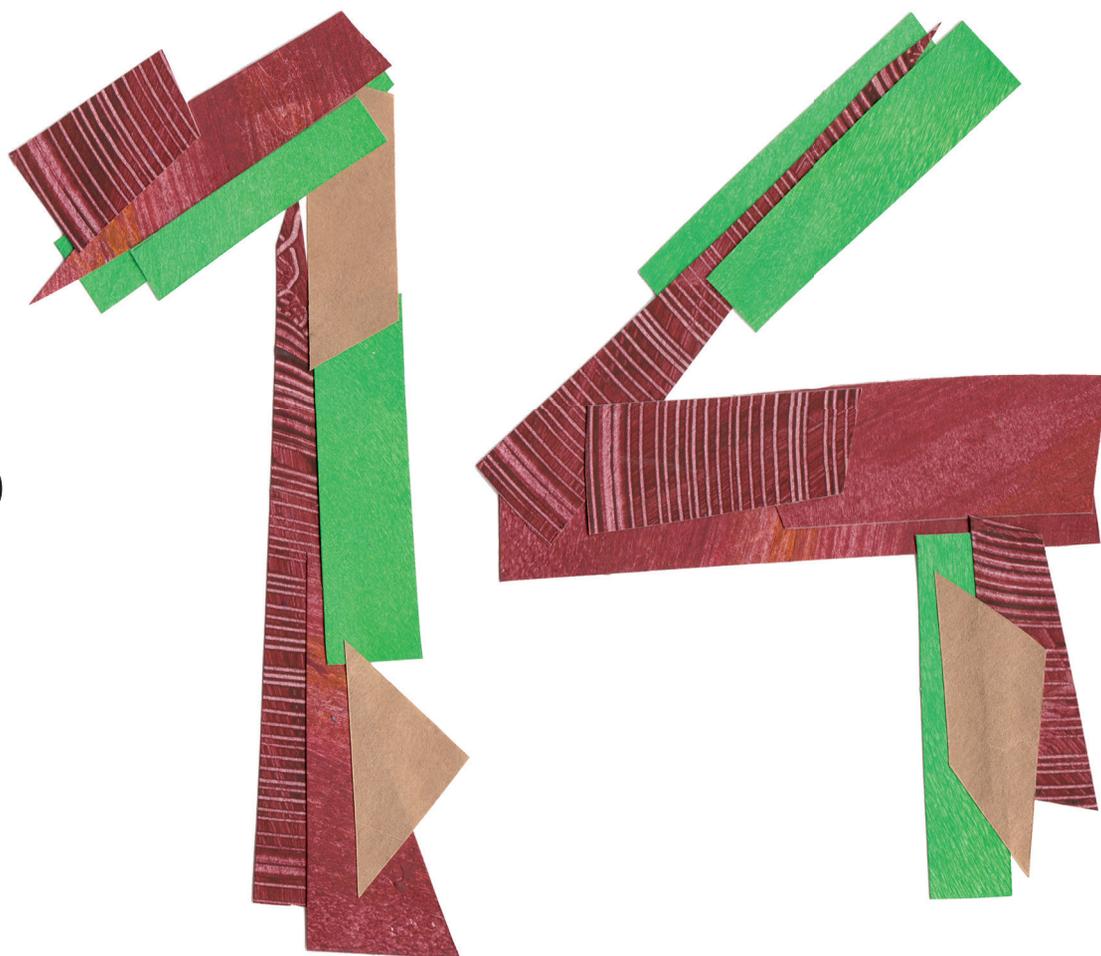
“Para a vovó, que faz as melhores bolachas do mundo, as bolachas que eu fiz a partir de sua receita. Espero que, assim, a tradição das bolachas enfeitadas continue, e que nós duas, juntas, possamos tomar chocolate com bolachas por muito tempo. Sua neta, Glorinha”.

A avó, comovida, abriu a caixa e viu uma dúzia de lindas bolachas cobertas com diversos enfeites. Pegou uma em formato de coração e mordeu. Perfeita!

Naquele momento, ela soube que continuaria a viver durante muito tempo, em sua neta e em suas bolachas.



140



**SEMEaNDO**

— VÔ!

141

— O que é, Manuel?

— Preciso fazer uma entrevista com o senhor.

— Nossa, estou importante... Que tipo de entrevista?

— A professora mandou. A gente precisa fazer uma pesquisa, descobrir como a nossa cidade foi criada. Aí ela disse pra gente entrevistar quem veio pra cá "fabricar a cidade".

— Fabricar? Não seria construir?

— É. E o senhor é a pessoa mais velha que conheço.

O avô riu.

— Ah, muito obrigado pela parte que me toca! Então, o que você quer saber?

— Sei lá! Acho que... Como é que a cidade começou, o senhor sabe?





— Sei, sim. Quando vim pra cá, eu tinha mais ou menos a sua idade, era bem criança. Antes eu morava em outro lugar.

— Posso gravar?

— Pode, mas você não vai anotar?

— Não sei, vô, nunca fiz uma entrevista antes. Mas na televisão e no celular eu vejo os entrevistadores gravando. Acho que vou gravar. Depois eu escrevo umas frases que o senhor disser e faço um cartaz.

— Certo, vai ficar bonito. Então, eu morava lá longe, lá no sul do país, morava num rancho com seu bisavô, que você não conheceu, e sua bisavó. Você se lembra da sua bisavó?

— Aquela que estava sempre sentada?

— Essa mesma. O Governo desse estado disse que daria uma terra boa pra gente fazer uma fazenda e outra para a construção de uma casa na cidade. Então, seu bisavô vendeu tudo o que tinha lá no sul, e viemos pra cá, pra começar do zero, trazendo só algumas sementes. Ao todo vieram 60 famílias. Trabalho duro!

— Não tinha casa, não tinha nada?

— Nada, nadica de nada. Mas o Governo ajudava a gente. Não tinha eletricidade, não tinha estrada, mas deram um gerador. O gerador de energia era movido a diesel.

— Aquilo que se põe no caminhão?

— Isso mesmo. Então, tínhamos que trazer lá da outra cidade, Santo da Boa Nova, mas de trator! E se chovia, era uma tristeza! Difícil. Mas tinha de ser feito. Enquanto isso, a gente construía nossa casa, trazendo tudo de trator, construindo tudo com a mão da gente mesmo, um ajudando o outro, e começamos a plantar.

— Então foi assim que a cidade ficou pronta?

O avô riu.

— Não, nada disso. Eu era criança, mas já ajudava bastante. Passava massa no tijolo, semeava, arava a terra, fazia muita coisa.

— Eu também ajudo! Também faço coisas.

— É verdade, você me ajudou a consertar a cerca daqui de casa, lembra? Passava os pregos, depois ajudou a pintar... Pois bem, a gente achava que tudo ia dar certo com muito esforço.

Mas o Governo desistiu. Não quis mais fazer nada. Aí, virou pra gente e disse: não vamos mais investir aqui nessa terra quente. Vocês façam o que quiserem fazer da vida de vocês. Já imaginou, Manuel? Fazer o quê? E o Governo dizia: voltem para suas terras! Voltar para onde, se o meu pai já tinha vendido tudo? Não só ele como as 60 famílias! Ah, aquilo não ia ficar assim... Então nós todos, quer dizer, seu avô e os outros avôs das outras famílias, todos eles formaram uma cooperativa agrícola. Cooperativa que existe até hoje! Aí a cooperativa comprou o trator, comprava o diesel, já imaginou como era escuro? Dava dez horas da noite, exatamente na hora que a gente mais precisa de luz para enxergar, o motor era desligado, aí a gente tinha de usar candeeiro e vela.

— E as fazendas?

— A essa altura, já tínhamos plantado bastante, e começou a nascer, e colhemos, e a cooperativa ia organizando, anotando, transportando, vendendo... Outras famílias foram surgindo e outras se formando.

— Como assim, vô?

— Bem, aqui não tinha universidade, nem mesmo em Santo da Boa Nova. Tive que ir para a capital para estudar. Fui e estudei Agronomia. Aí, lá, conheci sua avó, a moça mais bonita que eu já tinha visto! Ela foi com a minha cara, veja que sorte! E veio morar aqui. E a gente se casou. A essa altura, já tínhamos semeado bastante, já

vendíamos bem. Tão bem, que o Governo trouxe luz para cá, trouxe uma estrada, uma estrada boba, mas já era alguma coisa. Hoje a gente não sabe nem onde começa a cooperativa e onde começa a cidade. Com a cooperativa, as sessenta famílias viraram seiscentas! E hoje já temos 6 mil famílias. E eu semeiei também, tive filhos, seu pai, seus tios, sua tia Marita, e agora esse mundo de netos!

— Eu, né?

— Você mesmo, acho que você é a última semente que veio lá do sul do país, mas vai crescer e continuar a semear.

— Vou mesmo, vô! Eu quero ser fazendeiro mesmo, mas não só de plantio não, vô, quero ter umas cabeças de gado, criar uns porcos e bastante galinha!

146

— Está certo! Que seu desejo se realize. Mas, olha, quero ver esse trabalho. Me mostra!

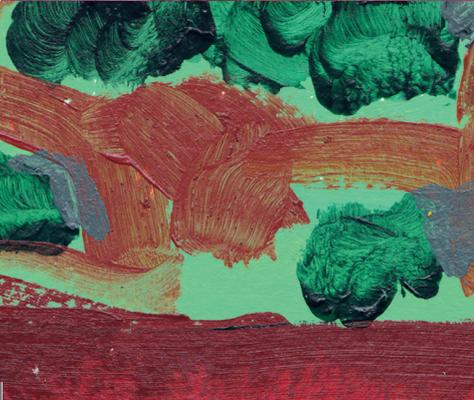
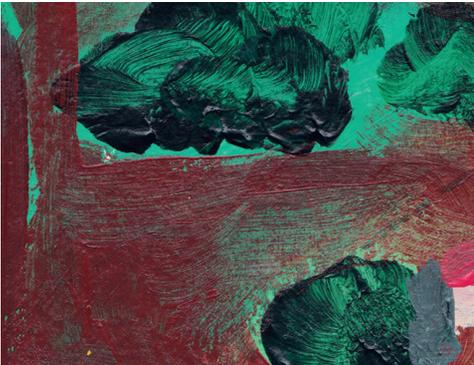
— Vou mostrar, vô, vai ficar muito bacana! Já sei até como vou fazer o cartaz.

— Como?

— Vou colar um monte de sementes nele!



**SEMEANDO**



148

15

**NEM TUDO O QUE  
RELUZ é OURO**

— **OLÁ**, dona Leonora!

149

— Olá, minha gerente preferida! Veja só as novidades.

Leonora nem esperou permissão, já foi desenrolando seu mostruário.

Cilmara se interessou. As bijuterias de Leonora eram lindas, originais. Volta e meia, caía na tentação e comprava uma. Mas não no horário de trabalho.

— Passa aqui na hora do almoço, que eu dou uma olhada.

— Certo, vou passar, sim — disse Leonora, afofando os cabelos.

Era uma mulher alta, sempre maquiada, com roupas extravagantes. Se estava frio, costumava usar uma jaqueta de estampa de onça bem chamativa. Se calor, suas camisas sempre tinham um brilho.

— Querida, eu encontrei uma mina de ouro! Sério! Um fornecedor lá da Espanha que tem bijuterias lindíssimas, e

150



NEM TUDO O QUE RELUZ É OURO



151

ele me fez por um preço ótimo. Eu não posso perder esse negócio! Daria para eu pegar um empréstimo?

Cilmara suspirou. Leonora tinha ótimas ideias, era excelente vendedora, seus produtos eram, como se diz hoje, "diferenciados". Mas ela se enrolava um pouco com os pagamentos.

— Veja, Leonora, olha como está sua conta. Não, não vai dar para te emprestar.

— Mas vocês vivem dizendo que só existem para ajudar a gente! Eu preciso desse dinheiro! Vocês prometeram que tomariam conta de mim! — reclamou Leonora, parecendo criança.

Cilmara sorriu e disse:

— Olha, negar o crédito também é cuidar, Leonora. A gente sabe o quanto você ganha, o quanto você pode tirar, quanto é o seu aluguel. Se te emprestarmos esse dinheiro, você vai ficar em apuros!

— Então eu vou pedir a ele em consignação! — falou ela e saiu batendo os altos saltos do sapato.

Cilmara riu, sabia que, no dia seguinte, ela estaria de volta oferecendo suas bijuterias como se nada tivesse acontecido.

Como se ela tivesse uma bola de cristal, foi exatamente o que ocorreu. Agitada como sempre, no alto dos saltos dos sapatos, na hora de sair para o almoço, chega Leonora, oferecendo uma novidade.

— Olha, Cil, é a sua cara! Você vai amar este colar.

Para ser gentil, Cilmara olhou e, sim, experimentou: uau! Era lindo!

— Quanto é?

— Pode pagar em duas vezes...

— Mas quanto?

— Cinquenta, mas é banhado a ouro.

Cilmara se olhou mais uma vez no espelho do banheiro e concordou.

— Certo, eu quero. É do tal espanhol?

— Ih, que nada! Criação minha! Eu mesma fiz! E já tenho várias ideias para outras semijoias. Quer ver os desenhos?

— Até quero, Leonora, mas não agora.

— O problema é que preciso de dinheiro para comprar o material — falou ela, fazendo biquinho — E posso te dar um desconto bom...

Cilmara fechou a cara.

— Então não vou querer comprar esse colar. Se você pode vender mais barato e não o faz, não me interessa...

Leonora arregalou os grandes olhos cobertos por enormes cílios postiços e quase chorou.

— Desculpe! Não quis soar como se fosse um suborno, uma condição, nada disso! Eu quis fazer como a gente vê na TV, falar em desconto, em promoção. Eu quero ser uma vendedora de sucesso!

Cilmara sentiu seu sangue acalmar.

— Então, por que não faz um curso de vendas? Poderia te ajudar muito.

Saíram do banheiro.

— Posso te vender o colar — falou Leonora, meio tímida.

— Pelo preço certo, quero.

— É quarenta. Eu coloco mais alto para poder dar o desconto.

Cilmara tirou as notas da bolsa e pagou o colar.

— Pronto, vê se aprende.

— Mas continuo precisando de empréstimo... Acho que vou ter de recorrer ao Macarrão...

Cilmara quase gritou:

— Não vai correr atrás de agiota de jeito nenhum! Você já devia ter aprendido que isso é uma prisão.

— Mas se a cooperativa não puder me ajudar...

— É claro que vamos te ajudar, mas daqui a um mês, quando você terminar de pagar o outro empréstimo. E vamos te ajudar também com seus gastos, vamos organizar essa bagunça. Você é muito talentosa.

O tempo passou. O mundo mudou. As pessoas começaram a usar celular para tudo. Até a cooperativa funcionava à distância. Um dia, Cilmara começou a procurar um presente para as bodas da mãe. Queria dar um colar bonito, que representasse todo o amor que sentia por sua mãe, e, naquela época, uma pandemia tomara conta do mundo. Cilmara não trabalhava mais na agência, galgara posições, e, agora, trabalhava em *home-office*.

No computador, começou a procurar o melhor presente. Olhava, comparava preços, nenhum parecia ser aquilo que buscava. Finalmente entrou num site onde havia bijuterias lindas! Diferentes! E os depoimentos dos compradores eram de satisfação, excelente qualidade. Ficou até difícil escolher uma só. Achou exatamente o que queria. Quando foi finalizar a compra, colocar seus dados, site reparou que o vendia até para o exterior. Era um sucesso.

Fez a compra e, curiosa, clicou em "quem somos nós".

*Olá, meu nome é Leonora Gusmão. Sou a criadora do Leoreluz. Comecei cedo no ramo das bijuterias, mas me enrolava muito nas contas. Graças a uma gerente da cooperativa da qual eu era associada, que me deu uns puxões de orelha de arrancar os brincos, aprendi a lidar com pagamentos, contabilidade, investimento, controle, e minha criatividade teve espaço. Há cinco anos, Leoreluz atende no Brasil e no exterior, levando para o mundo o que o nosso país tem de mais bonito: suas gemas, sua alegria, sua afetividade.*

**NEM TUDO O QUE RELUZ É OURO**

E Cilmara sorriu, banhada em lágrimas.





16

**SANGUE, SUOR  
E LÁGRIMAS**



SANGUE, SUOR E

**A COISA** estava feia. O Banco Central queria acabar com as cooperativas abertas. Ninguém sabia o que aconteceria. A Diretoria se movia, ia para Brasília, reivindicava. Ali, naquela cidade, a cooperativa era a alma, era a segurança do trabalhador, era a esperança.

— Não podem fechar a cooperativa!

— Aqui eles não realizam empréstimos, realizam sonhos!

Era a voz da cidade falando.

Todos os comerciantes tinham conta na cooperativa, todos os trabalhadores, tivessem eles vínculos empregatícios ou não, encontravam apoio na cooperativa. Fechar a cooperativa seria acabar com a esperança e, talvez, com a própria cidade.

A luta era árdua.

Naquele dia, o diretor da cooperativa recebeu um convidado ilustre: o inspetor do Banco Central.

BANCO CENTRAL DO BRASIL

50

A A 000040143



RESISTIR





50

O rapaz da cidade grande, muito sério, olhava os livros. Pegava a máquina de calcular, fazia contas, anotava. Enquanto isso, o diretor explicava a importância da cooperativa na cidade.

— Meu rapaz, isso aqui é alma da cidade! Para você ter uma ideia, a construção desta sede foi realizada com mão de obra gratuita! Todo mundo veio construir, ajudar. Eles sentem que aqui é a casa deles. Temos exposições de arte, saraus de poesia, e ainda tomamos conta das finanças.

Nada, porém, parecia comover o inspetor.

As portas da cooperativa já até estavam fechadas, mas eis que alguém aparece batendo na porta! Seu Antenor, o açougueiro, que por sinal tinha um vozeirão daqueles! Batendo forte, chamou o diretor, que já estava acostumado ao jeito dele e então se levantou e foi atender seu Antenor.

— Aí, taí a féria da semana, o senhor já sabe o que fazer! — disse seu Antenor, entregando um saco de papel para o diretor.

— Claro, até mais ver!

Seu Antenor fez como estava acostumado a fazer: quando fechava o açougue, vinha depositar na conta os ganhos do dia ou da semana, conforme a situação. Ele sempre trazia um saco de dinheiro. Isso mesmo, um saco de papel cheio de dinheiro.

Para espanto do inspetor do Banco Central, o diretor recebeu o depósito daquele jeito.

Para aumentar a complicação, seu Antenor nem sabia o quanto de dinheiro tinha naquele saco de papel. Não que não soubesse contar, sabia e muito bem, ele só não tinha contado. Esse açougueiro podia não ser muito letrado, mas era o que na minha cidade se diz “o iletrado sabido”.

Número, ele conhecia muito bem. Somar e diminuir era com ele. E ele conhecia o som de algumas letras. Jota, por exemplo. Ele

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS



et  
ne

saberia dizer que um nome como Jurema começa com jota. Mas, talvez, não conhecesse, ou não reconhecesse as demais letras, nesse caso anotava no caderno o nome assim: J RA, ou J U Ma. E saberia direitinho quanto a dona Jurema tinha pago ou quanto ela estava devendo.

Ih! O rapaz ficou bravo! Aquilo não podia ser assim! Afinal, já tinha encerrado o expediente!

Bem, seu Antenor entrega aquela dinheirama toda para o diretor, e o inspetor do Banco Central vê tudo. Aí o inspetor começa a falar que aquilo é um absurdo, como é que isso, como é que aquilo. E meu diretor mostra pra ele o dinheiro, um dinheiro amassado e sujo de sangue, uma quantia muito grande.

162

O inspetor fica insistindo que teria de denunciar a cooperativa por realizar um depósito daqueles, fora do horário, sem o cooperado conhecer a quantia. Então o diretor diz:

— Compreendo, mas o senhor vai ter de considerar o mérito da ação: este senhor, açougueiro, não veio aqui depositar apenas um montante de dinheiro com sujeira de seu suor e sangue do seu trabalho, o que ele deposita é a confiança. Coloque isso também no seu relatório.

Se ele colocou não se sabe, o que se sabe é que, no dia em que havia uma pequena festa no salão da cooperativa, o qual, singelamente chamavam de Salão Cultural, onde uma cooperada lançava um livro de poesias, o telefone toca: era alguém com a notícia de que a cooperativa não haveria de ser fechada.



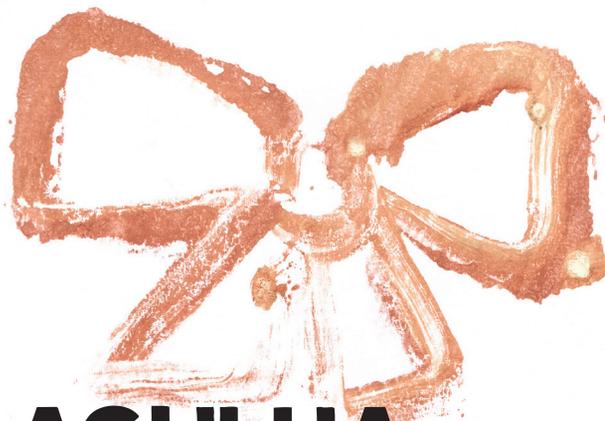
TE ENCONTRO EM QUAL CONTO?



164

**CRIANDO LAÇOS**





**A AGULHA** furou seu dedo, a gota de sangue caiu no laço branco que acabara de fazer. Bem diferente da gota de sangue que caiu do dedo da mãe de Branca de Neve, e ao ver a gota tão linda sobre a neve, desejou o nascimento daquela menina linda, branca como a neve, lábios rubros como o sangue, cabelos negros como o ébano. Dessa vez, o sangue manchou a fita branca, não a levou para nenhum sonho de beleza, ao contrário, então, logo caiu uma lágrima. A vontade era de largar tudo, ou dormir, dormir muito e acordar como a própria Branca de Neve fez, acordar com um beijo de um príncipe salvador.

No entanto ela sabia que não haviam príncipes, nem princesas, nem beijos salvadores. O que havia era muito trabalho e sorte.

Tudo parecia estar organizado: sua loja pagando suas contas e viabilizando investimentos; o marido amoroso e trabalhador; seu pai – seu anjo da guarda – presente, ajudando em tudo, e, ah! a magia da vida, seu bebê lindo, fofo, bonzinho demais! Entre todos os problemas que diziam que ela teria, como cólicas, choros angustiantes,

166





não existiu nenhum. Não houve nenhuma noite mal dormida, pelo contrário, o neném dormia a madrugada toda. Choramingava de fome “apenas”.

E, então, seu leite secou. Puff! Desapareceu. Ela precisava comprar o caríssimo leite especial para bebês, e do qual, graças a Deus, Nuno tinha gostado. Nuno era o nome do seu filho.

Talvez houvesse um príncipe, sim, e este fosse o Nuno. Por ele, ela deveria trabalhar, sem esmorecer, com esperança. Os laços de fitas estavam tendo boas vendas, quer dizer, boas para laços de fitas. Ninguém tem tantas cabeças assim, e, apesar de toda a igualdade de gêneros, há mais meninos ainda que não usam laços de fitas.

Mas era o que dava naquele dia.

**168**

Ela tinha certeza de que seu leite, que era abundante, tinha se transformado em lágrimas. Só podia ser isso.

E foi tudo tão de repente! Primeiro a morte do pai. Do nada, de um dia para outro, sem anúncio, prenúncio, intuição. Ele não atendia ao telefone, ela estranhou. Foi até a casa dele, tocou, ninguém atendeu. Usou sua chave, e aí o encontrou. Pelo menos o pai morrera dormindo. Um fio de sangue no canto da boca, apenas isso. Parecia até estar sorrindo.

Possivelmente foi o sangue do dedo sobre o laço de fita branco que abriu nela a torneira das lágrimas e das lembranças, como aquele fio de sangue nos lábios de seu pai, descarnados, brancos, nada dos rubros lábios da Branca de Neve.

Fechou a loja por uns dias, achando que voltaria ao normal, mas não havia nada normal. Havia dívidas, gastos, credores. E no meio de tudo, seu marido foi demitido, “contenção de despesas”, disseram, e ela começou a vender tudo o que eles tinham, enquanto podia, para pagar os empréstimos realizados.

Sentiu vergonha de ir à cooperativa e conversar com a gerente

para pagar as dívidas com tão pouco, mas eles foram cordiais.

— Olha, você vai conseguir pagar, não se preocupe, cuide do seu bebê, e sua avalista...

— Não! não quero que ela me ajude em nada. Já estou aqui há tempo suficiente, vocês sabem como sou. Não quero nem que ela saiba da minha dificuldade.

Foi então que retomou os laços.

Laços eram coisas bonitas, e ela era capaz de imaginar cada um mais bonito que o outro! Fotografou sua obra, abriu páginas nas redes sociais, mostrando aquelas belezas. As encomendas chegavam, não muitas, mas o suficiente para pagar a conta de luz. Até que sua internet foi cortada, e então ela não podia mais atualizar suas páginas.

Uma amiga sua, a Mônica, que nem tão amiga era, mas a conheceu na cooperativa, vendo seus laços de fita tão lindos, perguntou se ela sabia costurar, já que era tão jeitosa.

— Não? E não gostaria de aprender?

— Ah! Adoraria saber costurar. Minha mãe costurava muito bem, tentava que eu aprendesse. Mas a vida era difícil, eu tinha de trabalhar, não dava tempo. Aprendi, sei lá como, a fazer esses laços, e gostei. É como uma terapia. Na hora que estou mexendo com as fitas, o pensamento se fixa apenas nas cores, no brilho do cetim, na textura do gorgorão, no diadema da cabeça, eu imagino a criança linda com meu laço na cabeça, como o laço de fita vermelho que prende os cabelos negros da Branca de Neve, e tudo fica bonito. Mas como costurar se não tenho máquina de costura?

— A cooperativa está oferecendo um curso de corte e costura! Acabei de me inscrever!

— Ué, você não é cabeleireira? Quer mudar de profissão?

— Que nada! Amo o que faço! É para mim mesma, curiosidade, vontade de criar coisas. Vem! Se inscreve!

Achou que era um sinal, uma orientação de sua mãe que a deixara quando ela ainda era tão jovem. Dona Nair. Era pensar nela e vê-la com um dedal no dedo, os óculos na ponta do nariz, e suas mãos se mexendo, fazendo e desfazendo alinhavos, casas de abelha, pregando vidrilhos, miçangas, brotando daquele jardim de panos piratas, bailarinas, noivas, damas antigas, debutantes. Quem sabe se...

— Infelizmente a turma está lotada.

— Ah...

— Deixe seu telefone, quem sabe alguma desistência...

170

Ela deixou. Não, não era sinal algum. Não havia destino, nem contos de fadas, nem bruxas. Tudo era só uma floresta escura, úmida e fria. Nuno reclamou no carrinho, e ela esqueceu de levar a mamadeira para o passeio.

Chegou em casa, agradecendo ter uma casa para chegar. Tinha de contar as bênçãos, era isso.

Esquentou a mamadeira, o menino mamou guloso caindo, imediatamente, saciado, em sono profundo.

No dia seguinte, o telefone tocou. Número desconhecido.

— Ana Beatriz?

— Sim?

— Aqui é Eulália, da cooperativa. Uma das inscritas desistiu, temos uma vaga para você. Ainda está interessada?

— Sim! Estou.

Talvez fadas existam...

A turma era a da noite. Combinou com o marido que ele tomaria conta de Nuno enquanto ela estivesse no curso.

Era perto, apenas seis quarteirões de sua casa. Chegando lá, sua amiga já a esperava:

— Que bom que você conseguiu a vaga! Venha, acabei de conhecer essa fofura de pessoa.

Logo Ana Beatriz conheceu suas colegas. Formavam um grupo de seis mulheres de diferentes idades. A fofura de pessoa era uma avó, que, finalmente, realizaria seu sonho de costurar roupinhas para seus netos, agora que se aposentara.

— Tenho tantas ideias!

Depois, havia a Rosa, que morava em zona rural, ia para o curso de moto. Ela tinha máquina de costura, herdada da mãe, mas não sabia costurar, e estava cansada de tanto trabalhar na roça. Ana Beatriz gostou dela de cara! Admirou aquela jovem que iria mudar o seu destino.

Ainda havia Simone, dona de lojas, tinha dinheiro, estava lá, segundo ela, a conselho de seu psicanalista. Não, ele não disse diretamente corte e costura, falou que ela precisava de uma válvula de escape entre família e trabalho, algo que fosse só dela, que fosse construtivo. Ela escolheu costura.

— Afinal, não tenho jeito para desenho! — disse, rindo.

E ainda havia Luiza, uma jovem com deficiência auditiva de nascença, mas que conseguia se comunicar perfeitamente bem se olhasse para os movimentos dos lábios.

— Pelo menos o barulho das máquinas não me atrapalha.

A primeira lição foi colocar linha, ligar a máquina e...

— Ah! Ela deu um grito. Que susto! — Sentiu que a máquina passaria sobre ela. Naquele dia, apenas mexeu com a máquina de um lado para o outro, tentou fazer linhas retas, tentou, não conseguiu, mas sentiu orgulho de seus caminhos tortos coloridos.

Um gostoso lanche foi servido no intervalo, e as seis mulheres trocaram as ideias que tinham sobre o futuro de suas linhas, panos e botões.

Ana voltou para casa feliz. O marido notou.

E foi uma noite de amor.

Sonhou com a máquina costurando, os pontos aumentando, diminuindo, e só acordou com o pedido de Nuno para mamar.

— Vamos, meu príncipe!

Passou o dia fazendo seus laços, pois estes estavam ajudando a pagar as contas. Assim, apesar de frequentar as aulas, fora delas, seu pensamento se dirigia mais para as fitas do que para os panos, pois os laços eram vendidos com rapidez.

Início de ano, falava-se de uma gripe horrível que havia lá na China. A Europa se preocupava. A Itália já tinha vários doentes...Ah! Tudo isso era tão longe! Estavam ali, abaixo da linha do Equador, com um oceano entre eles e a gripe.

A covid-19 veio, e, com ela, a quarentena: Fecha tudo! Para tudo!

Criança em quarentena não usa laço.

E ela tinha um bebê que precisava de leite. E uma conta de luz para pagar, e comida para comprar. É, já conseguia passar sem muita coisa, mas sem comida, ainda não.

Olhou para a despensa: vazia. Naquele dia, abriria a última lata de leite. Não haveria mais. Como alimentar o seu Nuno?

Daria um jeito, tinha de dar.

O telefone tocou. Era Eulália.

— Precisamos de máscaras para doação. Passe aqui, pegue os tecidos, vamos comprar o que produzir.

Máscaras? Como se faz uma máscara? Conseguiria costurar à mão?

Não era hora de pensar em problemas, só em soluções! Foi à cooperativa, pegou os tecidos, ligou para sua colega.

— Vem, eu tenho máquina, vou te ajudar.

Sim, Mônica toparia ajudar. Juntas fariam máscaras! Ana Beatriz foi até a casa da amiga, lá, viram tutoriais na internet e começaram o trabalho. A primeira ficou estranha, mas serviu. Em dois dias, fizeram 300 máscaras.

Ana Beatriz correu até a cooperativa segurando aquele pacote como quem carrega um bebê. Nuno tinha bebido a última porção de leite.

Pagaram na hora!

Nossa! Que alegria! No supermercado encheu o carrinho! Feijão, arroz, linguiça, leite, muito leite! E ainda pagou a conta da internet!

E não parou mais. A cooperativa, mesmo sabendo de sua dificuldade, financiou uma máquina de costura, e ela conseguiu pagar.

“Talvez eu devesse registrar no Guinness Book!”, pensou ela, nunca ninguém fez tantas máscaras em tão pouco tempo. E tudo se vendia.

Fazia máscaras de todo tipo, máscaras com bordados, máscaras combinando, com arco da cabeça, combinando com laços... Tudo com muito carinho. Logo notou que os elásticos machucavam as orelhas. Ela via Nuno com sua pele tão macia... Ah, tinha de ser diferente! Então, inventou uma malha de meia que protegia as orelhas das crianças. Os adultos também quiseram. As encomendas chegavam. A máquina de costura foi totalmente quitada.

Aos poucos, a abertura das lojas aconteceu, as pessoas voltavam a trabalhar, a passear, as vacinas eram realidade. Com as vacinas, as encomendas das máscaras diminuíram, mas as dos



laços recomeçaram. As crianças queriam voltar às aulas bonitas, com laços de fita combinando com as máscaras. Os meninos queriam máscaras de super-herói, de times de futebol, e ela fazia.

Então, outras ideias surgiram, e ela começou a fazer de

tudo, serviços de mesa, cada um mais lindo que outro.

174

— Alô? Mônica?

— Passei na cooperativa! As aulas vão recomeçar!

— Que bom!

E foi bom mesmo. Reencontrar a turma, uma turma que se uniu na distância, que tantos laços de amizade fizeram. Agora, além do lanche que a cooperativa fornecia, cada uma trazia uma delícia que aprendera a cozinhar no período de pandemia.

— Que delícia! — Exclamou Ana Beatriz, provando um pão de passas feito por Rosa, que aprendera a fazer pães durante a quarentena.

E trocaram histórias, o que fizeram, como tinha sido encarar o estudo dos filhos pelo celular, a dificuldade, os sonhos...

— Meninas! A formatura está chegando. E vocês vão fazer o seu vestido de formatura. Aqui estão tecidos, moldes...

Cada uma delas escolheu um tecido. Ana Beatriz pensava em um vestido preto, simples. Deixou-se ficar olhando os tecidos sem realmente decidir. Não, preto não.

— Escolha logo!

Então Ana Beatriz teve uma ideia. Lembrou-se do dedo furado na agulha. Viu um pedaço de um bonito tecido azul com umas bolas vermelhas, e viu, também, um pequeno pedaço do mesmo tom de azul. E, ainda, um pedaço amarelo.

— Posso pegar esses três? Perguntou?

A professora estranhou.

— Pode. Tem certeza de que será capaz de emendá-los? Nenhum deles tem o tamanho suficiente para um vestido.

— Tenho sim.

E cada aluna levou para casa tecidos, moldes e ideias.

O clima de segredo rondou o mês inteiro. Ninguém deixava transparecer como seria o feitio de sua roupa de formatura, mas todas as alunas estavam realmente intrigadas com o traje de Ana Beatriz. O que ela faria com aqueles três tecidos tão díspares?

O dia da formatura, finalmente, chegou.

— Eu vou primeiro, espero vocês lá, certo?

Ele concordou. Depois de tudo, ele concordava com tudo o que ela decidisse! A cada dia a admirava mais.

Ana Beatriz queria guardar a surpresa. Nem mesmo Mônica sabia como seria seu vestido.

Vestiu-se. Olhou-se no espelho. Deu uma volta, riu. Seus cabelos estavam bonitos e brilhantes, seus olhos bem maquiados. Amarrou uma fita vermelha no cabelo com um laço simples.

Para ficar ainda mais misterioso, ela vestiu uma antiga capa de chuva por cima da roupa nova e se dirigiu para o salão da cooperativa.

O salão estava ainda vazio, ela pegou a sacola e fez o que precisava fazer, sem ninguém saber. Mais um segredo.

Aos poucos foram chegando as colegas e seus familiares, e todas as cinco colegas em suas roupas de formatura, recebendo elogios.

Ana mantinha sua capa.

Subiu para o palco junto com as colegas, e, de lá, viu o marido sorridente e orgulhoso com Nuno no colo.

Finalmente começou a cerimônia. Como as alunas eram apresentadas por ordem alfabética, Ana foi a primeira a ser chamada.

Então ela finalmente tirou a capa: estava vestida como Branca de Neve!

176

Foi aplaudidíssima.

Então, foi ao microfone e leu as palavras que preparara antes.

— Caros gerentes, cara professora, caríssimos funcionários da cooperativa, queridíssimas colegas: esse período foi difícil para todos nós, aqui estamos, ainda com nossas máscaras, já um pouco aliviadas, mas ainda com as saudades nos corações deixadas pelas perdas que tivemos. Nisso tudo, tivemos ao nosso lado os companheiros cooperados que nos apoiaram, nos deram esta formação profissional, esta oportunidade de convívio, este apoio mesmo à distância.

Eu visto este traje que eu mesma fiz, uma homenagem à minha mãe que era uma costureira brilhante! O feitio peguei de seus guardados, pois ela fazia muitas fantasias. Cada roupa que se veste é uma personalidade que se assume, e, às vezes, a sua própria.

Antes de estar aqui no curso, eu não acreditava em contos de fadas, mas vocês me ajudaram a voltar a acreditar neles. Sim, fadas existem, assumem outros nomes como esses nomes que estão aqui no palco. Eu posso dizer, sem sombra de dúvidas que,

## CRIANDO LAÇOS

ao furar meu dedo na agulha, e a gota de sangue cair na brancura da neve, minha vida deu uma guinada, graças à cooperativa que faz muito mais do que cuidar da nossa vida financeira: cuida de nossos corações.

Então, como sinal da minha gratidão, quero que vocês, todos vocês, olhem embaixo do assento da cadeira. Vão encontrar um pequeno pacote. É meu sinal de agradecimento, de felicidade por esse dia.

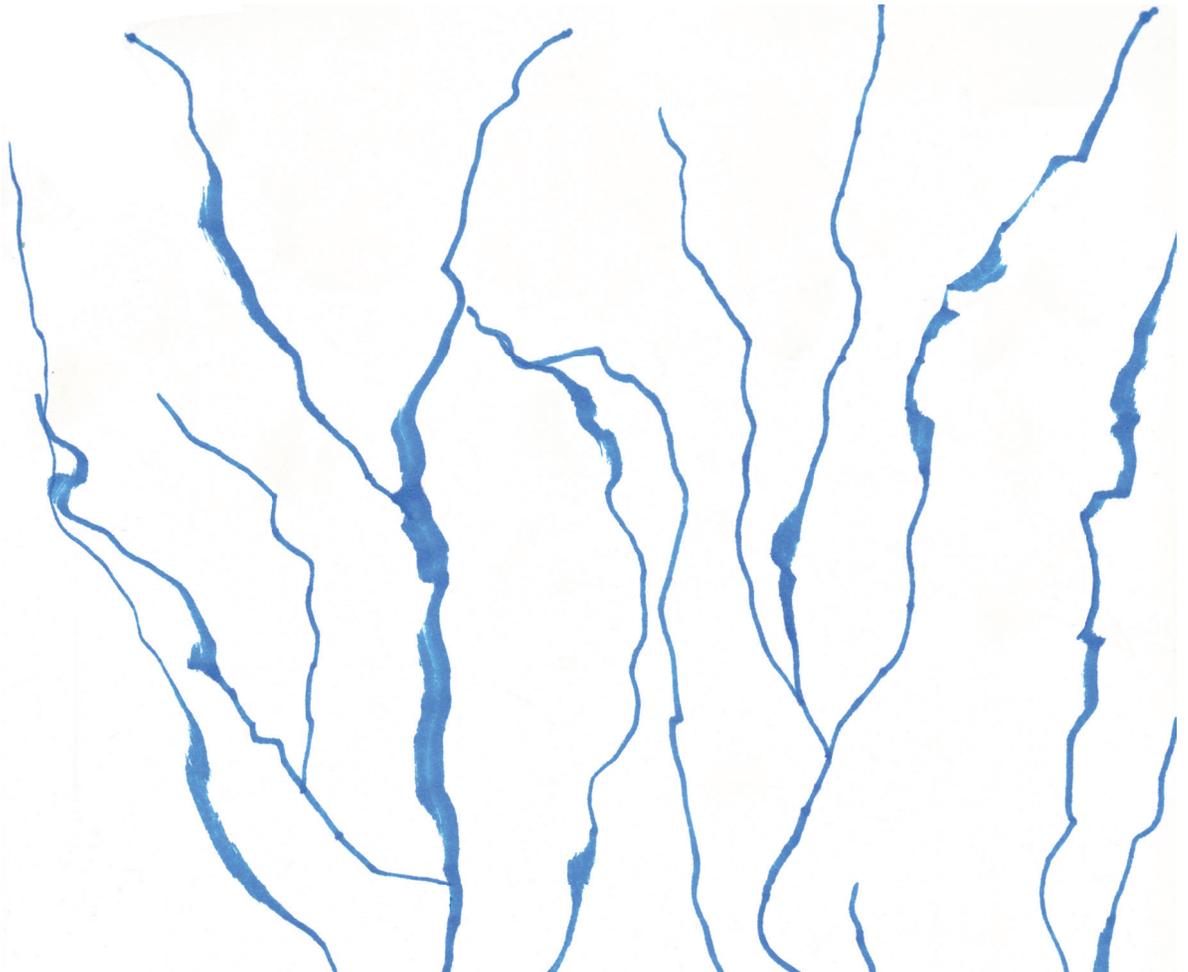
Houve um burburinho, cadeiras sendo arrastadas, crianças agachadas, pacotes rasgados. E, como se tivessem combinado, a maioria das pessoas pregou aquele laço de fita no alto de suas cabeças com muitos sorrisos.

Ana Beatriz olhou para as colegas, todas com laços de fitas. Olhou a professora, a diretora, até um gerente que era careca estava usando o laço na gravata. Ana olhou para a plateia e o que viu não foram laços de fitas, foram laços de amizade.

# ENTREVISTADOS

Durante o processo de pesquisa deste livro que você acabou de ler, ouvimos histórias inspiradoras de personagens que compartilharam conosco seus enredos de vida ou ainda histórias incrivelmente transformadoras que atravessaram seus caminhos durante suas jornadas. Nossa escuta atenta e afetiva fez com que nós fôssemos capazes de captar a magia e a emoção de cada uma dessas histórias, e foi inspiradas nelas que “Te encontro em qual conto?” nasceu. Deixamos registrado aqui o nosso agradecimento a cada um que se uniu a nós e cooperou para que esse livro pudesse construir uma morada de afeto em cada leitor.

178



## ENTREVISTAS

Adevania Silveira - RO  
Aifa Naomi - MT  
Ana Maria Leite da Silva - PE  
Antenógenes Junior - MG  
Bento Venturim - ES  
Celio Tavares Ramos - RJ  
Decivaldo Oliveira Santos - BA  
Dulciliam Corrêa Pereira - RJ  
Elaine Schuck Rambo - SC  
João Carlos Leite - MG  
Lajose Alves Godinho - GO  
Lili Marasca - SC  
Loni Maria Winkelmann Dupont - PR  
Luiz Ajita - PR  
Luis Eduardo Pereira Ramos- RJ  
Luize Ulsenheimer Rettori - PR  
Marcos Aurélio Maier - MG  
Mauro Alves - RJ  
Raimundo Mariano - MG  
Ronaldo Scucato - MG  
Simplicio Meurer - SC  
Solange Pinzon de Carvalho Martins - PR  
Taís Di Giorno - SP



Angela Carneiro | Isadora Gonzaga

# LE ENCONTRAR EM QUAL CONTO?



Apoio



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO